

2019/1



3XL4  
BELEZA

# Sobre a fonética do filme mudo

Este semestre foi marcado, pelo menos para mim, por um fato que é a confirmação do que venho apontando, em duas décadas, sobre a direção dos ventos no ensino de comunicação. Foram vários os comentários de alunos sobre o fim do 3x4 no atual suporte, devendo deixar de circular em papel para ter uma edição online. Não fico incomodado por ser o professor editor do jornal laboratório nos últimos 22 anos. Espaço da prática do velho jornalismo.

Sei que não sou o treinador de mão-de-obra para o deus-mercado. Bem pelo contrário, ensino meus alunos a trafegarem na contramão. A máxima tem sido a de que jornalismo é subversão. Fico incomodado – e muito – pelo fato de que as próximas gerações não terão mais esse amplo espaço para o exercício do jornalismo com o velho sentido da profissão. O exercício que privilegia a crítica, a ideia de vigilância de todo e qualquer tipo de poder e que, acima de tudo, busca uma fidelidade "canina" à verdade factual. A subversão de destacar as diferenças onde aparentemente enxergamos semelhanças, ou as semelhanças onde aparentemente enxergamos diferenças. A busca de singularidades.

Cheguei a escrever algumas coisas sobre essa podre busca de trafegar em direção ao mercado. Recebi, por exemplo, uma mensagem de um ex-aluno perguntando quanto tempo está faltando para minha aposentadoria. Respondi que, pelos meus cálculos, pouco. Uma questão apenas de paciência. Ele, daí, retrucou: «por todo o jornalismo exercido como professor-editor do jornal 3x4 e da revista Sextante, deveria haver um mínimo de respeito pelo ensinado aos alunos. Deveriam esperar pela sua aposentadoria para tudo ficar online, com deadline e design gráfico etc. etc...». Respondi: «sem mágoas ou ressentimentos, a estas alturas da vida». O estranho seria se tudo terminasse bem. Alguma coisa de errado estaria acontecendo comigo. Sempre estive na contramão e assim será até o final.

Não existe, no mundo acadêmico, respeito. Apenas ego!

WLADYMYR UNGARETTI

# Sobre a desconstrução da beleza

Uma das lembranças mais marcantes que tenho da infância é a do meu pai me dizendo para esfregar os olhos sempre que pudesse. Para ele, isso ajudaria a criar aquela dobrinha nos olhos que muitos descendentes de orientais não têm e, assim, ficaria mais bonita. Não lembro de ter deixado de esfregar os olhos um dia sequer da minha vida - e mantenho o hábito até hoje, ainda que de forma inconsciente. Consegui a tão sonhada dobrinha (embora eu acredite que isso tenha advindo mais de fatores genéticos do que dessa técnica ancestral) e, junto com ela (conforme colocado pelo oftalmologista), globos oculares em forma de bola de futebol americano, o que resultou em alguns graus de astigmatismo, que me acompanharão até o fim da vida. Mas não via problema algum nisso, afinal, pelo menos estava me aproximando cada vez mais das mulheres que via nas capas de revista.

Eu ficava incomodada quando ia comprar maquiagem e não encontrava nada que fosse da cor da minha pele. Estava ciente de que meu grupo étnico simplesmente não aparecia em revistas de beleza e moda - ou, quando aparecia, era colocado todo no mesmo saco, tendo ignoradas as diferenças de nacionalidades e fenótipos, como as graduações de cor de pele. Mas jamais pensei que isso fosse um problema da mídia. Na minha cabeça, o problema era eu. Eu é que tinha nascido errada e o melhor que eu podia fazer era mudar para conseguir me encaixar no que era definido como bonito pela mídia e ser aceita pelo resto do mundo.

Durante a adolescência, descolori os cabelos para ficar loira (tanto quanto pude), tentei clarear a pele com cremes comprados em catálogos de produtos de beleza (que obviamente não funcionaram) e emagreci 11 kg em 2 meses com a ajuda da sibutramina (moderador de apetite que já chegou a ser proibido pela Anvisa) e das 3 horas que passava, de segunda a sábado, na academia - aos domingos eu pegava leve, só fazia uma corridinha de 1h e meia. A enxaqueca e as quedas de pressão (que muitas vezes resultavam em desmaios) eram, para mim, meros desafios que eu tinha que superar para alcançar meus objetivos. Nunca consegui chegar aos desejados 46kg mas, ainda assim, estava mais próxima de me tornar o que as novelas, os comerciais e as revistas de beleza diziam que eu devia ser. Durante o último ano do ensino médio, sequer considerava sair de casa sem maquiagem, desde que, no primeiro dia em que consegui usar o curvex com sucesso, um professor me disse que eu estava mais bonita, pois parecia "menos japonesa".

Hoje, do alto dos meus 70kg, eu aprendi a me aceitar e me amar do jeito que sou, com todas as minhas particularidades (desde os olhos puxados e os cabelos lisos e pretos até o recheio adiposo que se recusa a caber nas roupas antigas). Senti na pele (, nos olhos, nos cabelos e no cérebro afetado pelos remédios) o preço da beleza, pelo qual decidi não mais pagar. E creio que não tenha sido a única. Diariamente, inúmeras meninas (tanto crianças quanto adolescentes) e mulheres (tanto as jovens quanto as maduras) são bombardeadas com informações e imagens de como a sociedade espera que elas se pareçam e ajam para conseguirem ser aceitas. Os meios de comunicação ditam o que é feio e, portanto, inaceitável; e o que é bonito e, conseqüentemente, exaltável (embora, atualmente, encontrem muito mais resistência do que na época em que eu cresci, felizmente).

O objetivo da nossa edição da 3x4 é justamente mostrar que a beleza é muito mais do que nos é retratado todos os dias pela televisão, pelas revistas, pela internet. Tentar desconstruir tudo o que foi cristalizado em nossas mentes ao longo do nosso desenvolvimento, desde que éramos crianças. Mostrar que existe beleza onde já a conhecemos, mas que ela também reside em locais inesperados - como em livros, paredes, peles, tecidos, sutiãs e, até mesmo, nas lutas (tanto as coletivas quanto as individuais e diárias).

Que a nossa luta seja pela defesa da representação de toda a diversidade presente em nossa sociedade. Pelo direito de ser exatamente quem queremos ser, sem sucumbir a nenhum tipo de (o)pressão. Pela compreensão de que somos todos, acima de tudo, seres humanos, independente de cor, credo, peso, identidade de gênero. E que somos todos lindos, ~~apesar das~~ principalmente pelas nossas particularidades.

JESSICA NAKAMURA EM NOME DA COMISSÃO EDITORIAL

O Resgate do marginal .....	6
Além do que se vê .....	7
A Beleza de Lutar .....	10
Despadronizados .....	13
Paredes que gritam .....	15
Meu cabelo não é moda .....	16
Tatuar por quê? .....	19
Campo de permissibilidade .....	21
À estética .....	23
“Beleza é moda, é arte, é cultura” .....	27
O belo de Lee .....	30
Coroando bonecas .....	32
A beleza de viver .....	34
#Geraçãoacademia .....	37
À prova de crise .....	39
O império da magreza .....	40
Nem P nem G, apenas peitos .....	43
Últimas notícias do umbigo .....	45
Museus de bolso .....	49

6..... O Resgate do marginal

7..... Além do que se vê

10..... A Beleza de Lutar

13..... Despartrinizados

15..... Paredes que gritam

16..... Meu cabelo não é moda

19..... Tatar por quê?

21..... Campo de permissibilidade

23..... A estética

27..... "Beleza é moda, é arte, é cultura"

30..... O belo de Lee

32..... Corando bonecas

34..... A beleza de viver

37..... #Geraçãocademia

39..... A prova de crise

40..... O império da magreza

43..... Nem P nem G, apenas peitos

45..... Últimas notícias do umbigo

49..... Museus de bolso

# O Resgate do marginal

Gabriel Nonino

Para traçar uma história da feiura, Umberto Eco vaticina já no prefácio do livro: o feio se encontra nas margens, escondido no porão. Sofrendo das iníquas doenças, das horrendas deformações. Povoando pesadelos, castigos divinos. Sempre como coadjuvante, como oposição do belo. Vezenquando está como principal, mas sempre para chocar. Suas definições são, na maioria das vezes, recheadas de adjetivos referentes ao negativo: truculento, terrível, esqualido, sinistro, fétido, escabroso, tolo, simplório, bárbaro, perverso, covarde, hórrido, infausto, medonho, imundo, enfim, feio, feio, feio, feio!

O autor, entretanto, se esforça para trazer uma cronologia de como a feiura é vista e representada em determinadas épocas. O livro é dividido em quinze capítulos, nos quais o feio é o ponto de saída e de chegada. Da Grécia antiga até os dias atuais, Umberto Eco, usando de uma prosa extremamente didática, intercala suas explicações, que servem como elos de ligação entre os conceitos, com trechos de grandes pensadores. Seja em poemas, romances ou livros filosóficos, Eco lança mão de autores renomados para trazer, além de veracidade, um panorama completo de determinada cultura. Se no início ele mostra a visão do feio no mundo clássico, os trechos utilizados são, obviamente, dos grandes filósofos Platão, Sócrates, Aristóteles etc. Isso não significa, contudo, que eles não possam entrar em outras épocas. No Renascimento, por exemplo, esses autores são revisitados por pequenas elucidaciones de Eco, a fim de explicar a conexão renascentismo-classicismo.

As mudanças do conceito de feio são recorrentes. Isso acontece até mesmo nas diferentes representações da mesma figura. Dois capítulos, o terceiro e o quinto, são dedicados ao diabo. No terceiro, retrato da Idade Média, o diabo era estritamente o ruim, o "truculento de aspecto, terrível de forma, grande de cabeça, longo de pescoço"; enquanto que, no quarto capítulo, período moderno, ele já tinha sido revisitado como o Anjo Caído. E, se era um anjo, poderia sim ser garboso como ilusão, seduzente para com as virgens e os sedentos por um pacto. Visitante temido com trajes de gala, imperador raivoso dos sete círculos do inferno. Traços, enfim, que contrastam com a criatura medonha descrita na Idade Média.

Outro ponto a ser destacado é o feio como sublime, protagonizado tanto no Cristo Medieval (capítulo II), quando o Messias era anunciado como quem "não tinha beleza nem esplendor para atrair nosso olhar nem formosura capaz de nos deleitar", quanto no Resgate Romântico do Feio (capítulo X), quando a feiura era transcendente ao conceito usual. Ao descrever a Medusa de Da Vinci, Percy Shelley enaltece-a pelo aspecto: "seu horror e beleza são divinos. Nos lábios e pálpebras resplandece o encanto com sombra que irradia, lívida e ardente". No Cristo Medieval, o martírio do filho de Deus que veio à humanidade para nos salvar é representado pela feiura. A crucificação é retratada em seu corpo flagelado, coroado de espinhos, agonizante. No resgate romântico, o feio é a "mais rica das fontes que a natureza poderia oferecer à criação artística". É revisitado justamente o Cristo Medieval, tido como referência. As deformações das igrejas daquela época resultarão no estilo neogótico que Victor Hugo, quem mais apaixonadamente exalta a estética romântica do feio, colocará em seu livro Notre-Dame de Paris, mostrando que, junto ao assunto principal do livro, Umberto Eco inevitavelmente nos concede como bônus uma pequena aula de história da arte.

O autor distingue duas manifestações do feio: o feio em si, "um excremento, uma carcaça em decomposição, um ser doberto de chagas emanando um cheiro nauseabundo"; e o feio normal, "desequilíbrio na relação orgânica entre as partes de um todo". O predomínio muda para época em época. Assim ele chega no objetivo de seu livro, descrever a "manifestação artística de ambos", pois é a partir dela que se pode apontar qual dos dois primeiros tipos de feiura é predominante em determinada cultura.

No bondé tresloucado das eras, nas quais os parâmetros são ditados de acordo com o fluxo artístico-estético (e - por que não - ético?) vigente, o feio é, de fato quase sempre, o oposto do belo. Entretanto, cada vez mais (ou menos, sabe-se lá o que nos reserva o futuro) o feio adquire autonomia como conceito. Como marginal, a feiura já foi muito escanteada e subestimada. Resta a nós tirá-la do porão. O livro de Umberto Eco faz justamente esse resgate e nos mostra que há muito a se aprender com aquilo que está à margem.

# Além do que se vê

Rafael Santanna

Fotos: Natalia Henkin

**"Costuma-se dizer que não há cegueiras, mas cegos, quando a experiência dos tempos não tem feito outra coisa que dizer-nos que não há cegos, mas cegueiras"**

José Saramago

No romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, o escritor português José Saramago mostra a fragilidade das crenças sociais contemporâneas quando a maioria da população perde, inexplicavelmente, o sentido da visão. Entre todos os conceitos culturalmente estabelecidos, aquele que, aparentemente, mais necessita do recurso visual para ser plenamente compreendido é o de beleza. A partir deste preceito, ela move indústrias, cria tendências, impulsiona carreiras e esculpe culturas. Afinal, como podemos definir se obras de arte, paisagens ou interesses românticos são belos sem enxergá-los? Para os 285 milhões de deficientes visuais no mundo atualmente, reconhecer a beleza sem vê-la é plenamente possível.

## Beleza Cega

Ao encontrar Bianca, vejo uma mulher alta, de cabelos castanhos (ou loiro escuro, nunca sei a diferença) e olhos azuis. Veste belas roupas, de cores claras. Aparenta ser jovem, de classe média alta. "Vamos conversar sobre beleza?", ela pergunta. Respondo que sim. "Então eu não deveria ter vindo com esse casaco horrível".

A fisioterapeuta Bianca da Silva Hauber, 24 anos, é deficiente visual desde o nascimento. Por nunca ter enxergado, não possui nenhum tipo de memória visual. Sendo assim, não sabe dizer se a imagem disforme que corre por seus olhos é algo

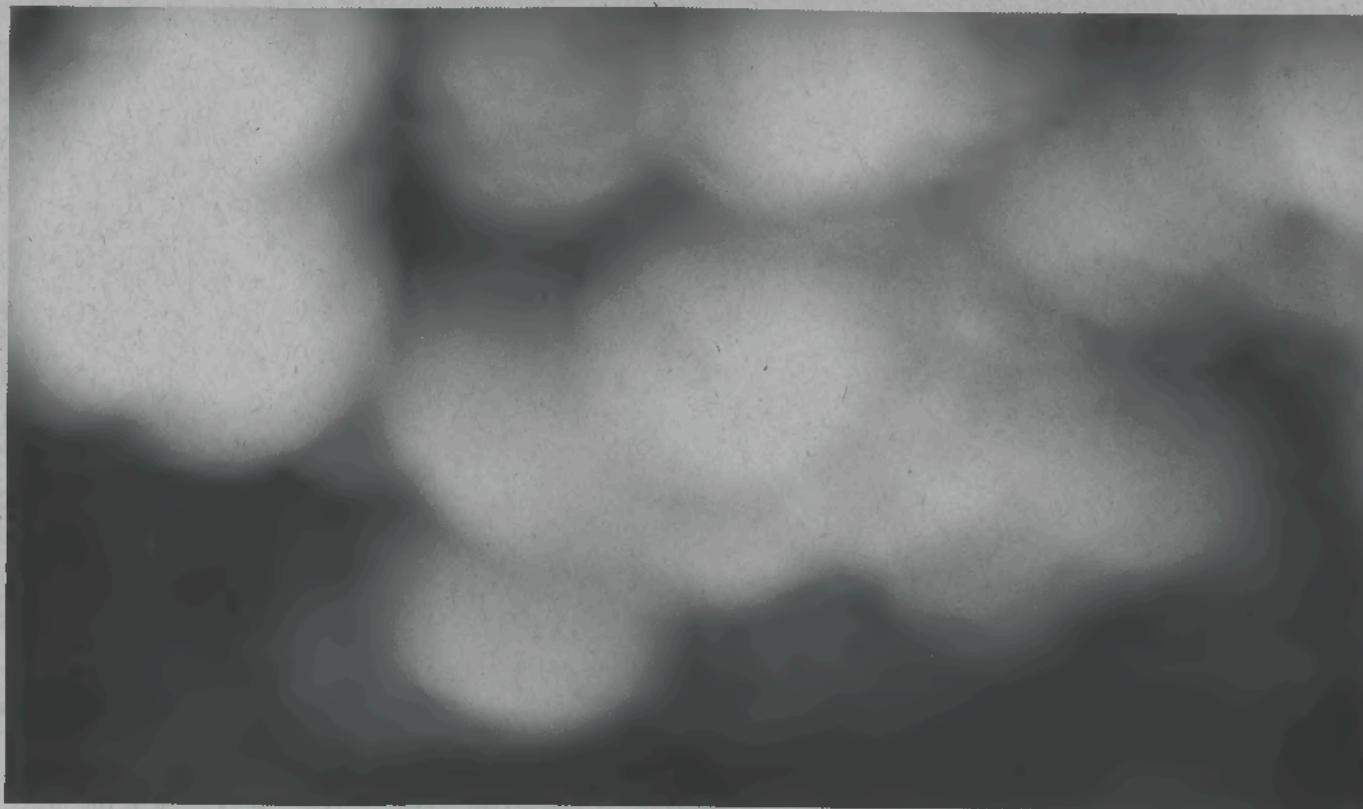
escuro ou claro, branco ou colorido. Sua percepção sensorial do mundo se dá de outras formas, assim como seu entendimento daquilo que considera belo. Ela conta que ao, se deparar com uma paisagem, pessoas que enxergam podem descrever o que veem como algo muito bonito, mas Bianca precisa de algo além da informação visual. Por uma série de questões sensoriais, olfativas, táteis e emocionais, se aquele ambiente não lhe passar sensações positivas, por mais que tenha a informação de que é algo bonito, para ela, não será.

Diretamente ligado ao conceito de beleza, a atração também ocorre de maneiras diferentes do usual, principalmente ao encontrar um interesse romântico. Deficientes ou não, todos são atraídos, de diversas formas, por algo ou alguém considerado belo. Ela diz que é atraída por ideias e sensações. Pode ser um perfume, uma voz ou um toque. Num primeiro momento, a atração é puramente sensorial. Em seguida, predominam as questões subjetivas, como simpatia, educação ou simplesmente se a pessoa transmite empatia, fazendo Bianca se sentir bem em sua companhia. Já no aspecto físico, a identificação acontece pelo toque. Ela conta que não é incomum encontrar homens que pedem para tocar no cabelo, no rosto ou nas mãos de alguém que lhe parece interessante. Algo que normalmente seria até desrespeitoso, nesse caso simplesmente é tratado como uma das formas de identificação do indivíduo.

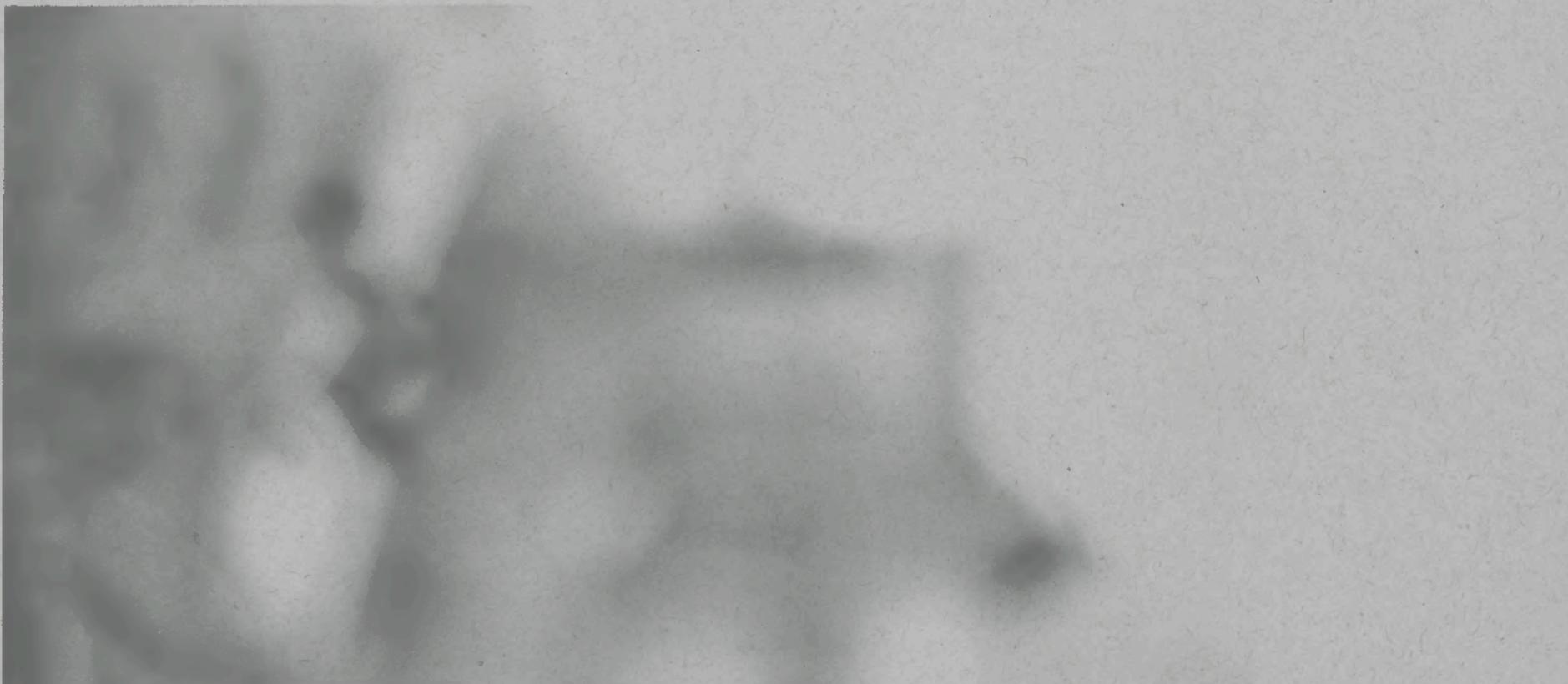
Para Bianca, o momento mais belo da sua vida ocorreu no último verão, quando passou a virada do ano na praia com a família. "Nós assistimos juntos a um show de fogos. Minha irmã, que enxerga, descreveu o que estava acontecendo, o ambiente, as pessoas, as cores. Aquele momento foi muito especial. Foi lindo", conta.

## Um mundo colorido

Antes de qualquer pergunta, peço para Bruna Schneider, professora de Braille, descrever o momento mais bonito dos seus 26 anos de vida. "Eu lembro de estar na praia, quando tinha uns 7 anos, e reparar que o sol estava alaranjado. Lembro também de perguntar pra minha vó por que o sol estava com aquela cor. Essa memória é muito viva. Lembro do rosto da minha vó,



"Não sei se vejo algo escuro ou claro, branco ou colorido. É um nada."



*"Não sei se vejo algo escuro ou claro, branco ou colorido. É um nada."*

do cheiro da grama, do vento. Tenho muita saudade disso. Se eu voltasse a enxergar por um minuto, é isso que eu gostaria de ver mais uma vez", responde.

Bruna perdeu a visão aos 8 anos de idade. Ela conta que ainda tem uma forte lembrança do horizonte, do encontro do sol e do mar no anoitecer. "Sabe, quando o sol e o céu já estão amarelo alaranjado?", ela pergunta, direcionando o olhar para a parede atrás de mim. Ela lembra perfeitamente da última vez que reparou no sol perto da noite, além do céu bem azul, do arco-íris e do mar.

Ela define sua visão como um infinito clarão, mas diz que ainda consegue ter uma noção de claridade, espaço e profundidade. Por ter enxergado durante a infância, Bruna ainda carrega uma forte memória visual. Enquanto ela me contava histórias de seus alunos e da sua infância, e respondia minhas perguntas relacionadas ao seu conceito de beleza, percebo que cada resposta vinha carregada de detalhes relacionados à cor. A roupa vermelha, o céu azul e a aluna que amava o rosa. "Eu tenho uma aluna cega de nascença que ama a cor rosa. É a cor preferida dela. Tudo é rosa pra ela. Ela acabou definindo que vê o rosa, de tanto ouvir que o rosa é bonito, cor de menina, cor de princesa".

Decidi, então, questionar qual seria a compreensão das cores por parte de um deficiente visual. Segundo ela, alguns deficientes visuais esquecem as cores, as formas geométricas, as letras e os números. Bruna preserva com riqueza estas memórias, utilizando-as em sua profissão, pois acha importante passar essas informações aos seus alunos. Mas também preservou por ser muito vaidosa, desde sempre. Na hora de escolher roupa e maquiagem, por exemplo, ela se importa muito com a escolha das cores, e com aquilo que cada uma transmite. O preto opaco e pesado, o branco leve, o amarelo alegre. Hoje, por exemplo, se tivesse acordado de mau humor, Bruna conta que teria colocado uma roupa mais escura, porque sabe o que o escuro representa. Se acordasse feliz, usaria uma combinação de cores vibrantes e vivas. Para ela, o sentimento transmitido pela cor é muito mais significativo que a parte visual.

Bruna, assim como Bianka, também não considera a beleza estética o principal atrativo. Ela diz que "beleza não põe mesa". Não acha certo colocar pessoas bonitas num pedestal simplesmente por serem bonitas. "Eu sei que o mundo é assim, mas eu não sou. Não que o meu marido não seja bonito, mas eu valorizo muito mais o caráter, a gentileza e a paciência dele. Até porque, por questões óbvias, eu não posso me prender tanto à beleza estética. Sabe como é, eu nunca vi o rosto do meu marido".

## O que é ter olhos num mundo de cegos?

Quando encontro o administrador Rafael Martins dos Santos, imediatamente penso: "esse cara não é cego". Ele fitava os meus olhos, não o horizonte. Andava sem o auxílio da bengala. Então, enquanto preparava mentalmente o cancelamento da entrevista seguido de um gentil pedido de desculpas pelo mal entendido, Rafael me pergunta onde está o café. "Na sua frente", respondo.

Rafael tem baixa visão. Atualmente, dos 285 milhões de deficientes visuais no mundo, 246 milhões possuem baixa visão e 39 milhões são cegos. Segundo ele, quando se trata de qualquer tipo de deficiência, as pessoas são categóricas: é ou não é. Ou você enxerga, ou não enxerga nada. Ou anda normalmente, ou usa uma cadeira de rodas. Não existe meio termo. É 8 ou 80. "Pois bem, eu sou o meio termo", diz. "As pessoas não sabem que a maioria dos deficientes visuais são como eu".

Ele conta que sofre de uma doença degenerativa. Já enxergou perfeitamente, mas atualmente tem cerca de 20% da capacidade visual. Hoje, Rafael define sua visão como olhar constantemente através de um vitral. Consegue enxergar um ponto definido, envolto por uma margem opaca, resultando numa imagem extremamente nublada e, por vezes, indefinida. Ele diz que, olhando para mim, consegue enxergar meus olhos quando focaliza a visão neles, mas não consegue enxergar meu nariz, minha boca ou o resto do meu corpo. É como uma ilha de

visão. Enxerga-se um ponto, enquanto todo o resto é embaçado.

Mesmo guardando um forte resquício visual, ele também diz que sente atração por aspectos que vão além do padrão usual de beleza com base na aparência. Rafael relata que já conheceu pessoas muito bonitas fisicamente, mas que, segundo ele, "abriam a boca e só falavam m\*\*\*\*". Eu conto que isso acontece até com quem enxerga perfeitamente. Então, pacientemente, ele explica que para os deficientes visuais isso é um fator absolutamente decisivo, pois eles só recebem uma parte daquela beleza, e não ela por completo. Sendo assim, se aquela parte recebida não agrada, acaba o interesse e morre a atração.

Rafael lembra que a sociedade ainda encara os deficientes como seres alheios ao convívio social. Ele conta que as pessoas

olham aqueles que possuem alguma deficiência como se fossem seres assexuados, que não se preocupam com a beleza, não se cuidam e não reproduzem. "A gente até brinca que os banheiros são divididos em três gêneros: masculino, feminino e deficiente. Parece que a gente não é homem nem mulher".

Após perder a maior parte da visão, o momento mais belo presenciado por Rafael foi a realização de um sonho de infância. "A sensação menos visual que mais me tocou foi quando eu conheci a neve, que sempre foi algo mágico pra mim. Em uma das minhas últimas viagens, finalmente tive contato com ela pela primeira vez. E o mais legal em relação à neve não é ver ela, mas tocar, brincar, sentir aquelas texturas geladas queimando a minha pele e derretendo na minha mão. Naquele momento, a minha limitação visual não foi nem um pouco importante, o que importava era sentir. Para mim, beleza não é forma, é sentimento".



"É como olhar através de um vitral."

# A Beleza de Lutar

Bruna Andrade

*“Há homens que lutam um dia e são bons.  
Há outros que lutam um ano e são melhores.  
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.  
Porém, há os que lutam toda a vida.  
Esses são os imprescindíveis.”*

Bertold Brecht

É o direito ao delírio. É esse permitir-se o delírio de acreditar em um mundo sem injustiças. É esse acreditar tanto no delírio de um mundo sem injustiças que não se possa viver sem lutar por ele todos os dias. É algo que vem de dentro e faz caminhar em direção ao horizonte. Lá onde mora a utopia. É em algo nesse caminho, entre delírio e utopia, que mora a beleza dos movimentos sociais.

“A grande beleza dos movimentos sociais está na capacidade de unir um grande número de pessoas diferentes entre si em ações por uma finalidade única. A beleza de gerar inquietações diante do cenário social em que vivemos e provocar trocas e integrações que culminam naquilo que, para mim, é o ápice de um trabalho permanente em torno de uma causa: a manifestação nas ruas”. Camila Domingues, fotógrafa.

“Eu acho que a coisa mais bonita dos movimentos sociais é que eles lutam todos juntos para uma sociedade mais justa e melhor”. Giulio Di Meo, fotógrafo.

“As pessoas engajadas, quando elas acreditam na coisa, elas mostram. Elas se expressam nos olhares, nas palavras, elas tomam a frente. A beleza de tudo está na indignação, está na expressão da indignação”. Ramiro Furquim, fotógrafo.

“Para mim que convivi muito tempo com diferentes movimentos sociais, visitei outros mundos caminhando pela Cordilheira dos Andes, essa beleza já me fez chorar por alegrias e por tristezas. A beleza está nos momentos e nas cenas que resgatam memórias e representam histórias”. Eduardo Seidl, fotógrafo.

Unir os separados pela Modernidade. Inquietar e indignar os apaziguados pelo sistema. Essa beleza que se busca é um pouco de tudo isso, mas, sobretudo, parece ser algo para o qual o verbo ainda não inventaram. Talvez seja porque não mora na razão. Talvez esse algo no caminho, onde mora a beleza, seja o coração. “Eu amo o MST. Eu amo este movimento pela dignidade e solidariedade com que seus militantes enfrentam a vida cotidiana”, declara-se Giulio. Talvez o verbo seja amor.

Na incompletude das palavras, as imagens nos amparam. Nelas, a beleza dos movimentos sociais parece encontrar um bom refúgio. “Transformar em palavras essa beleza do movimento social é bem complicado. As imagens dizem muito mais sobre ele. No olhar das pintas tu vê que elas têm na cabeça que a luta delas vai trazer um benefício para o resto dos cidadãos” confidencia Ramiro. Mas, assim como na sua relação com as palavras, a relação da beleza com as imagens não acontece sem nenhum esforço. “A fotografia consegue retratar a beleza do movimento social desde que o fotógrafo compreenda sua

importância e função”, pondera Camila.

Cada fotógrafo estabelece o seu caminho de busca pela beleza dos movimentos. Nesse processo, os diferentes entendimentos políticos e culturais das ações coletivas e as distintas trajetórias profissionais e de vida traçam relações ímpares entre fotógrafos e movimentos sociais. “Eu não vou conseguir fotografar alguém que não grite, que não se esgoele. Quando a pessoa se esgoela, ela mostra a que veio, ela mostra que aquilo é de verdade.

E é isso que eu busco. Eu sempre busco coisas que me convençam. Busco aquela pessoa está se manifestando de modo em que eu acredite naquilo que ela está gritando, naquilo que ela está expressando com um cartaz, uma faixa, ou simplesmente um olho no rosto coberto”, conta Ramiro sobre a sua busca por retratar a beleza existente nos movimentos sociais. O belo, para Giulio, está no dia-a-dia: “Eu não sei se sou capaz de retratar a beleza dos movimentos sociais. O que eu tento fazer é dizer, descrever e mostrar através das fotografias o cotidiano dos movimentos sociais: a vida de todos os dias de pessoas que lutam com força, dignidade e esperança por um futuro melhor, apesar das injustiças que sofrem”.

A grande beleza pode estar também no inesperado, como sugere Eduardo: “Busco principalmente nas fissuras dos momentos, acho que na transição das situações é que a beleza se expressa de forma mais forte e viva. É em momentos em que não sabemos o quê vai acontecer, que diferentes formas convergem em movimento para um encontro ou um alinhamento, é ali onde as cenas mais espetaculares e belas se criam”. Já Camila afirma que sua procura se dá através das pessoas: “Busco identificar as características mais marcantes das pessoas que estão participando do evento. Acredito que a beleza esteja essencialmente no ser humano, nas suas motivações por estar ali, seu entusiasmo e expressão corporal”.

Sem deixar-se definir, a beleza dos movimentos sociais se expressa na diversidade, como nota Camila: “Algumas manifestações são identificadas por sua grandiosidade e número de participantes, outras pela pluralidade de perfis e comportamento nas ruas”. O belo, além disso, é transitório e diferente para cada olhar. Aos olhos da fotógrafa, a beleza está na entrega: “A beleza se expressa, principalmente, na integração das pessoas nas ruas, na união dos diferentes por uma causa única. É um momento em que o ser humano entrega sua identidade ao movimento, mas não perde sua individualidade dentro dele.” Com outro olhar, para Giulio é nos rostos dos militantes que a beleza habita: “A beleza do MST, bem como a sua história, está presa naqueles rostos: nas rugas dos idosos, um sinal de uma vida dura, e na alegria das crianças, símbolo de esperança para o futuro”.

Na visão de Ramiro, "há beleza na indignação, há beleza no engajamento da pessoa, há beleza na crença. A crença é tudo. Por mais que as pessoas não sejam das mais letradas, as pessoas querem é uma vida digna. Então, o movimento social não surgiu do nada. Ele surge de uma indignação". A visualidade dessa beleza "está na expressão da crença de que aquilo que eles estão fazendo vai contribuir para a vida de todo mundo. Apesar de muita gente não acreditar neles. Apesar de muita gente desacreditar eles" completa o fotógrafo. Eduardo acredita no olhar: "Sou adepto da ideia de que a beleza está na nossa capacidade de vê-la. Obviamente que existe beleza nos movimentos sociais, mas depende de quem olha. Para um simpatizante do Movimento Sem Terra, uma criança descalça e suja de terra brincando no chão pode ser belíssima, pode significar esperança para acampados ou conquista aos assentados. Mas para um latifundiário pode servir de denúncia de maus tratos."

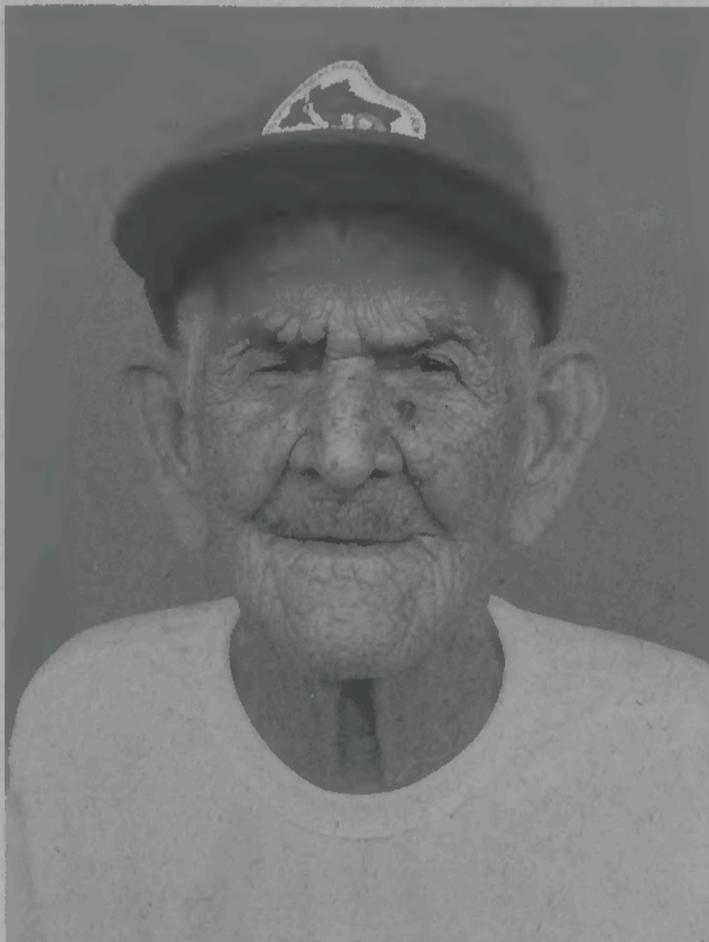
A fotografia impregnada de toda a beleza e expressividade dos movimentos sociais, feita de luta, converte seu valor estético em ferramenta de mudança social. "Eu acredito que a fotografia é um instrumento útil para aumentar a conscientização sobre as lutas e histórias dos movimentos sociais. O fotojornalismo nasceu com a missão de descrever e mostrar ao mundo seus habitantes, com o objetivo de denunciar a miséria e os abusos sofridos por aqueles considerados menos importantes na nossa sociedade. Nasceu na crença de que essas imagens poderiam ajudar a subverter as injustiças", reflete Giulio. Como fotógrafo, ele defende o engajamento nas lutas populares: "Eu acredito que hoje em dia os fotógrafos não podem limitar-se somente a informar. Hoje, se tornou necessário agir, tomar a iniciativa,

tomar parte".

Entre o delírio e a utopia, esse algo no caminho é luta. É união. É indignação. É memória. É palavra. É imagem. Mas, sobretudo, é sentimento. Sem mais talvez. O verbo é amor. É algo que vem de dentro e faz caminhar em direção ao horizonte. Lá onde mora a utopia. É na capacidade incondicional de amar outro que mora a beleza dos movimentos sociais.

## A beleza das imagens

Eu estou muito ligado à foto de Luiz Beltrame. "Seu Luiz" tem 106 anos e ele é um símbolo para o MST. Em fevereiro de 1997, quando ele já tinha 88 anos, ele decidiu participar da primeira grande Marcha Nacional do MST: 1.500 quilômetros a pé para exigir justiça para o massacre de Carajás. Em 1999, ele participou de outra marcha, de Niterói para Brasília: mais de 1.700 quilômetros em vários meses de caminhada, enfrentando todos os tipos de dificuldades. Em 2005, o MST organizou a Terceira Grande Marcha Nacional, que viajou 330 quilômetros de Goiânia a Brasília, com a participação de 17 mil militantes. Seu Luiz, que foi com 97 anos, estava novamente na primeira fila. Para todos os militantes do MST, ele é um exemplo de coragem, força e humildade. Com seu espírito de sacrifício, ele ganha força para continuar no caminho da luta. (Giulio Di Meo)



**Luiz Beltrame (105anni)**  
Assentamento Promissão  
São Paulo



Fotografia foi realizada durante as manifestações contra o aumento da passagem, em fevereiro deste ano. A fotografia é resultado de múltipla exposição focando diferentes rostos e momentos da manifestação, recurso que mostra tanto a diversidade dos participantes quanto uma atmosfera diferente das fotografias utilizadas normalmente nos jornais.

(Camila Domingues)



Só no meio de uma manifestação o cidadão pode se libertar das amarras que a legalidade prega, como poder dizer ou expressar verdadeiramente nosso sentimento. Ela é muito sutil, mais muito mais bela, por dançar solita, por estar nem aí pra molhada falhada que a Guarda Municipal tentou protagonizar... Ela devia estar em transe por estar ali e a repressão não poder fazer nada! Quando as autoridades não são efetivas numa situação dessas... Sei lá... É lindo!

(Ramiro Furquim)

# Despadronizados

Bruno Pancot

# Despadronizados

Mais uma manhã de aula no Instituto de Educação Flores da Cunha, em Porto Alegre. É quinta-feira de conselho de classes na escola. Os corredores ainda estão vazios, mas basta tocar o sinal para que as galerias e corredores se encham de adolescentes e crianças que brotam de todas as direções. Alguns caminham sozinhos, outros vêm em grupo, de dois ou três. Sem obrigação de usar uniforme, todos andam com o próprio estilo, embora alguns bem parecidos. Uns são bem chamativos. Outros mais ainda.

A partir de uma normativa de 2011 do Conselho Estadual de Educação, as escolas não têm mais poder para cobrar o uso obrigatório de uniforme. A medida permite que os jovens usem as roupas do dia a dia, que vão de calças jeans até camisetas lisas ou estampadas. Muito bom para quem quer escolher livremente o que vestir. Nem tanto, porém, para os que enxergam desfile de egos e gasto sem necessidade em roupas.

No Instituto de Educação não é diferente. Localizado em uma área nobre da cidade, o colégio recebe estudantes de diversas localidades da Capital, das comunidades mais afastadas até as mais próximas, como o bairro Bom Fim. Da mesma forma, alunos de diferentes faixas sociais, conforme a direção da instituição.

A mistura de realidades faz dos corredores da escola uma grande mistura de gostos. No intervalo, mais para o canto da galeria principal, três amigas do ensino médio conversam. Abordadas, todas defendem o uso de uniforme. "Surgiram algumas ideias, os alunos reivindicaram, mas nunca teve (uniforme). Seria bom para ter um padrão e não ter que usar 'roupa de sair'", afirma Mariana Giordani, 16 anos. Caminhando pelo corredor com uma colega, Thaís Moraes, 15, opina que "existe muito desfile" na escola. Ter um modelo pronto para o dia a dia seria bom, na opinião da adolescente.

A ideia de padronizar as cores parece encontrar mais resistência entre os meninos. Já acabado o intervalo, ainda sobram alguns alunos fora das salas de aula. Três deles, uma menina e dois guris, conversam no corredor. Gabriel Barros, do terceiro ano, rechaça o uso de uniforme. "Gosto de vir com as minhas roupas", justifica, rindo. "Todo mundo igual é feio", completa Isaac Santos. Também na rodinha, Liandra Costa se exalta e aponta que o uniforme evitaria ver 'certas coisas'. "Também não ia gastar com roupa", destaca.

Estudando para se formar neste ano, Carla Ew, 17 anos, conta que já liderou um projeto para adotar o uniforme da escola, quando estava na oitava série. A ideia acabou não vingando. "O problema é que nem todos poderiam pagar", comenta. Sobre a escolha das roupas no convívio da escola, Carla pede bom senso. "A pessoa tem que ter noção do lugar em que está. Tem gente com bunda e barriga de fora", reclama.

## Quem vem com roupa inadequada é mandad(A) de volta pra casa

Sem a prerrogativa da cobrança do uniforme, o Instituto de Educação Flores da Cunha pode, no entanto, mandar de volta para casa alunos que venham para a escola com roupas consideradas inadequadas. Defensora do uso de roupa padrão, a vice-diretora da manhã e assessora pedagógica Alessandra Lemes da Rosa afirma que os problemas são mais comuns com as meninas durante o verão, por conta do uso de shorts muito curtos ou, então, com blusas que mostrem parte dos peitos (parte dos seios). "Primeiro, orientamos. Na segunda vez, ligamos para os pais avisando que estamos mandando o aluno de volta para casa. Às vezes, inclusive, somos xingados", conta Alessandra.

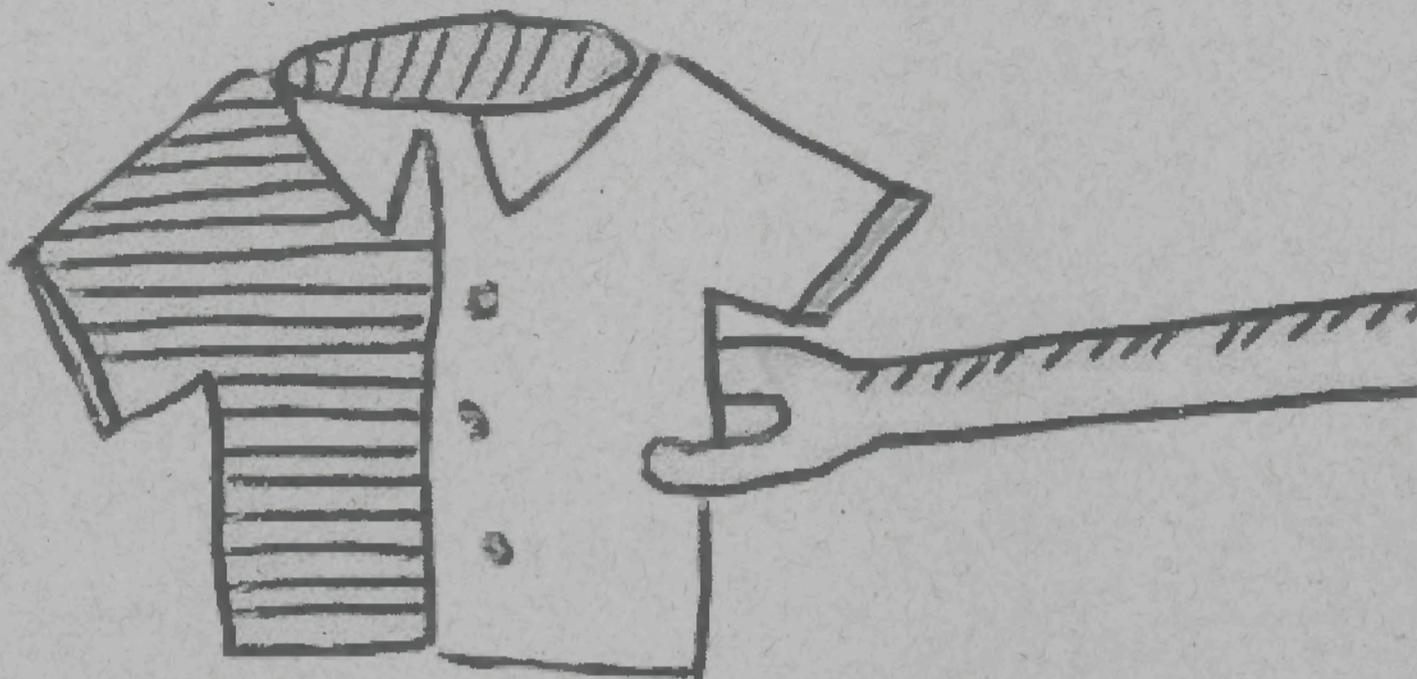
Apenas as meninas, no entanto, são mandadas para casa, conforme reconhece a direção. Embora favorável ao uso do uniforme, Rafaela Ritoll aponta uma diferença de tratamento entre os sexos. A adolescente de 17 anos se irrita ao explicar que o argumento utilizado é que o uso de roupas curtas atrapalharia a atenção dos meninos, que ficariam excitados. "Me preocupo bastante no sentido de usar o que eu quero. Os guris podem e ninguém fala nada", dispara Rafaela. A colega Deiziane Braga, 16 anos, pontua que "não se pode vir à escola como se vai à praia".

Sentadas na escada principal, quatro colegas têm opinião ainda mais contundente. Fernanda Cavaleiro, 14 anos, reclama que meninos usam regatas abertas nas laterais e calças baixas. "Deviam ser mandados para casa", afirma. "Ninguém é obrigado a ficar olhando a bunda deles", continua Giuliana Oliveira, 15.

Contrário ao uso de uniforme, Luís Felipe Roppa, de 19 anos, considera correto que a escola mande meninas de volta para casa por conta da roupa. Questionado, porém, o estudante pondera que o procedimento deveria incluir os meninos. "Também não dá para usar as calças para baixo. Acho que vale para os dois lados", reflete.

De acordo com a vice-diretora da escola, os meninos também têm a atenção chamada pela escola. Alessandra Lemes da Rosa ressalta que o desafio costuma ser as calças caídas deixando à vista o elástico da cueca. "Vamos lá pessoal, aqui não é o lugar", reproduz Alessandra, em referência às advertências verbais.

O ano de 2015, no entanto, vem sendo anormal, conforme a direção da escola. Até abril, nenhum aluno foi mandado de volta para casa por estar vestido de forma inadequada. Apesar disto, Alessandra lembra que algumas meninas trazem uma muda de roupa dentro da mochila. O motivo: caso sejam advertidas, as jovens acabam trocando o modelo na própria escola.



## Escola de 20 anos atrás não é a de hoje

Professora há vinte e um anos, dos quais os últimos quatro dedicados ao Instituto de Educação Flores da Cunha, Alessandra Lemes da Rosa analisa que o modo de se vestir mudou bastante no período. Para a gestora, a influência da mídia é a principal responsável para a formação de grupos de estilo, como os rock-punk e os emo, que também são comuns dentro do Instituto. "A escola apresenta todos os segmentos da sociedade. A própria sala de aula tem todo o tipo de aluno, de diferentes classes sociais e comportamentos", opina Alessandra.

A vice-diretora observa, no entanto, que o estar na moda é mais importante que ter estilos. "O que vai diferir, muitas vezes, é a marca, não o modelo", completa. Alessandra afirma que todos na escola - inclusive a direção - percebem que as marcas usadas pelos alunos têm preços diferenciados. "Nós sabemos disso e eles também reconhecem", comenta. Mesmo assim, a gestora nega que as diferenças sejam gritantes e defende o uso do uniforme nas escolas. "Personaliza, identifica e equaliza, no melhor sentido, que é o de dar segurança".

Aluno do segundo ano, Iuri Estigarríbia não vê desfile dentro do Instituto de Educação. "Aqui dentro é o que já se vê na rua", arrisca o adolescente. Ele e o amigo, Magaiver Prado, defendem o uso do uniforme. "O colégio seria mais visto. Seria bom pela identidade", afirma o primeiro.

## Roupa rasgada pode ser mais um gasto

A educação física é a atividade mais afetada pelos modismos dentro das escolas. Na quinta-feira de manhã, logo depois do intervalo, uma turma do primeiro ano do ensino médio joga futsal na quadra de pavimento na área interna do colégio. Todos usam tênis baixos, sem amortecimento. Alguns meninos, inclusive, com calças justas que dificultam um pouco o movimento. Um dos jovens, durante uma disputa de bola, rasga o calçado. Não é de surpreender: ninguém alivia nas divididas, independente da roupa que esteja usando.

O professor da turma Roberto Foschiera, há 15 anos no Instituto de Educação, afirma que cobra roupa adequada dos jovens, mas não tem como exigir tênis ideal para a prática de esportes. "É difícil, na atual conjuntura econômica das famílias, pedir para comprarem tênis", comenta. Sem o uso do uniforme, Roberto analisa que os alunos podem rasgar ou sujar as roupas do dia a dia, representando "um gasto a mais para as famílias".

Conforme o professor, o novo problema, agora, é o uso de chinelo de dedo ou de calça jeans pelas meninas. Muitas vezes ambos juntos. Durante o inverno, o problema são as botas. No mais, pela experiência, Roberto afirma que o Instituto de Educação é espelho da vida 'lá fora'. "Inclusive, é bem igual a uma escola particular", opina.

# Paredes que gritam

Antônio Assis Brasil

No auge, lá por 2009 ou 2010, Jorge costumava repetir até quatro vezes por semana a rotina de dormir pela manhã, procurar em tele-entulho, tinta, rolo, pincel e outros materiais de pintura à tarde, na tardinha, analisar a segurança e métodos para subir e descer em alguns prédios e finalmente, à noite, escalar os edifícios para deixar a sua marca de cima a baixo nas fachadas. Alto e magro, de fala mansa, Jorge não esconde o orgulho que tem quando outras pessoas falam da quantidade e das alturas incríveis marcadas com o nome Insonia, mesmo que não pinte mais prédios há alguns anos. Junto com dois amigos que formavam o grupo, eles viravam noites se esforçando para chegar a um ponto sempre mais alto, mais difícil, e que nenhum outro havia chegado. Jorge Walther, 24 anos, é um morador de um bairro de classe média próximo ao centro de Porto Alegre. Faixa preta, tem como principal fonte de renda as aulas de judô que dá desde os 16 anos. Começou a pixar quando era adolescente, mas só depois de terminar o ensino médio foi que conheceu os outros dois integrantes do Insonia. Depois de pintarem centenas de fachadas da cidade, o risco (em ambos os sentidos) da pixação foi perdendo a graça e começou a migrar para o graffiti em trem. O processo de escolha do local e dos equipamentos para a pintura e segurança é parecido mas, segundo ele, a pixação em prédio qualquer um faz, enquanto apenas ele e mais quatro fazem graffiti em trem na cidade.

Em 2011, Jorge passou no vestibular da UFRGS para Educação Física, mas preferiu não se inscrever. "Se eu estivesse fazendo faculdade, talvez não teria pintado tanto quanto pinte, não teria evoluído tanto na minha arte". Além das aulas de judô, Jorge hoje estuda arquitetura e faz alguns trabalhos pagos, em que usa as técnicas de pintura que aprendeu com o graffiti, cobrando em material extra, que utiliza para grafitar trens. Para ele, o graffiti e a pixação, que seriam uma coisa só, teriam maior relação com uma atitude rebelde do que com arte. Por isto, os desenhos pagos ou feitos com autorização dos proprietários, ainda que utilizem as mesmas técnicas, não seriam graffiti, mas um outro tipo de arte. Um dos maiores nomes deste graffiti institucionalizado em Porto Alegre, citado inclusive por Jorge como referência na área, é Lucas "Anão" Vernieri, do Núcleo Urbanóide. Lucas fez a curadoria da ação que pintou o túnel da Conceição, além de diversas outras parcerias com prefeituras e entidades privadas. Ainda assim, ele prefere ter sua própria arte autoral, "ocupar um lugar, deixar a minha mensagem, minhas cores, o jeito que trabalho... É assim que sou reconhecido, e não pelos trabalhos remunerados".

Assim como Jorge, Lucas entrou para o meio pixando e, para ele, o pixo é um ataque ao sistema, com uma ideologia e muito estudo por trás, algo subversivo, agressivo, que não faz questão de ser bonitinho ou autorizado, mas "instinto

puro". Jorge, por outro lado, não acredita tanto no teor político-ideológico da pixação, mas numa questão de ego, do pixador querer se mostrar. Quem pixa, o faz "por falta de poder público, por falta de política, mas não pela política". Na mesma linha, mas sem nunca ter sido pixador, o graffiteiro Mateus Greff "Xamã" vê a pixação como um hematoma da sociedade, uma marca de que algo não está bem. Quando chega em uma cidade com muita pixação, sente que "alguma coisa muito errada (ou muito certa) está acontecendo". Enquanto eu conversava com Mateus, em um café em São Leopoldo, se aproximou de nós Quevin Teixeira, metalúrgico de 22 anos, para uma conversa que durou o tempo exato de um cigarro. Quevin comentou que havia pixado há pouco tempo algo relacionado ao passe livre e à reforma agrária. Se já tinha feito uma pixação não-política? Disse que, no colégio, teve contato com o canetão, e pintou algumas paredes limpas. "Vou sujar isso aqui porque o cara deve ser um filho da puta", justificava. Em seguida levantou a voz: "Que espaço a sociedade burguesa nos oferece para se expressar? A escola não dá nenhum".

Mateus, morador da periferia de São Leopoldo, parou de estudar ainda na sexta série. Voltou aos estudos depois que conheceu a cultura hip-hop, com quase 20 anos, e hoje, com 29, está quase terminando a licenciatura em artes visuais. Nunca teve interesse pela pixação porque, segundo ele, sempre teve liberdade para pintar e desenhar dentro de casa. Foi à escola apenas aos sete anos, mas mesmo assim a mãe, índia kaingang, o estimulava a brincar com tinta desde pelo menos os três anos. Pintava parede, desenhava por tudo, com o reconhecimento da mãe: "isso é índio, parece meu bisavô". Este contato direto com a arte desde criança, para Mateus, evitaria tantos "hematomas" à cidade. "Com seis meses de idade, o guri já devia ter enfiado a mão na tinta e tocado na parede, no chão, na cara, na boca. Quando chegar aos 15, não vai querer pixar a cidade, vai querer fazer arte." No último 24 de abril, Mateus foi detido pela polícia. Segundo ele, havia participado de um encontro de hip-hop na zona norte de São Leopoldo, onde pintou com suas tintas um olho pequeno com oito cores diferentes, em uma parede suja. Mais tarde, se deslocou com amigos até o centro, onde foram abordados por policiais civis que haviam recebido uma denúncia de pixação num local a três quilômetros do local de abordagem e por onde Mateus não havia passado. As latas de spray na mochila, no entanto, foram o suficiente para a polícia o prender em flagrante. Depois de algumas horas, Mateus foi liberado, mas seu material segue apreendido.

Apesar da situação aparentemente traumática, o graffiteiro fala tranquilamente sobre o assunto. Para ele, não faz qualquer tipo de mal à cidade pintar os muros com a sua arte e, portanto, tem a consciência limpa. Se ele estiver "melhorando a cidade, que é o que eu quero fazer, podem me prender, podem me colocar na cadeia, na cadeira elétrica, que por isto eu não tenho medo".

# Meu cabelo não é moda

Aline Silveira

*“Nas manhãs de sábado, nos reuníamos na cozinha para arrumar o cabelo, quer dizer, para alisar os nossos cabelos. Os cheiros de óleo e cabelo queimado misturavam-se com os aromas dos nossos corpos acabados de tomar banho e o perfume do peixe frito [...] Fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade. Era um momento exclusivo no qual as mulheres podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa. Era um mundo tão importante quanto à barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo.”*

*(Bell Hooks, escritora, feminista e ativista social norte-americana)*

## #NãoÉSóPorCabelo

A cultura negra no Rio Grande do Sul tem pouca visibilidade, o estado gaúcho ainda hoje é apontado como reduto europeu, entretanto no dia 25 de abril de 2015 a Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, ficou pequena para tantos negros e negras empoderados partilhando vivências e relatos. O I Encrespa Geral, evento que ocorre paralelamente em outras cidades do Brasil, abriu debate sobre cabelo e identidade e sobretudo a história do negro contada por ele.

O cabelo crespo sempre foi visto como feio, sujo e ruim. Neste sentido se naturalizou o negro a olhar no espelho e não gostar do que vê. Portanto nesse processo de hostilidade, as crianças são as mais afetadas, pois é na infância que ela vai enfrentar pela primeira vez esse tipo de preconceito, e é exatamente nesta fase que são construídas as bases psicológicas dessas meninas e meninos, o que torna a situação ainda mais grave e digna de atenção.

A estudante de Biblioteconomia da UFRGS, Cristina França é componente do Grupo Gurias Crespas e Cacheadas de Porto Alegre. Para Cristina o preconceito também surge logo na infância: “É na escola que ela [criança] vai encarar outra realidade, e assim descobre que seu cabelo não é aceito... Muitos pais, como forma de proteção, acaba alisando o cabelo da menina negra. Portanto, sem querer, esses pais estão dizendo que ‘sim, o teu cabelo, filha, não é bonito e por isso vamos alisar para ele ficar aceitável.’”

O alisamento capilar não pode ser considerado uma mera opção quando ele é feito para que o indivíduo seja aceito dentro de determinados espaços. O ideal de beleza no Brasil é branco, mas a realidade é negra e mestiça pois temos o percentual de 52, 67% de afrodescendentes no país. Mas cabelo liso muitas vezes é o caminho mais seguro para se manter no emprego ou para ser aceito

dentro do ambiente escolar. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade que lhe foi imposta.

“Eu nem lembrava mais como era o meu cabelo, nem a minha mãe lembrava como ele era, então eu já estava com mais de 30 anos e eu voltei a usar cabelo natural, mas tudo por uma questão financeira. Eu ia deixar o meu emprego e começar a estudar e as aulas na UFRGS são de manhã, então não foi possível manter o emprego que eu tinha, a questão de identidade venho depois.” Afirma a estudante Cristina França.

## “Mas mãe, tem ou não tem princesa negra?”

Inspirada na relação com sua filha, a escritora Veralinda Menezes, mãe da atriz Sheron Menezes, explica como é consolidado o padrão de beleza na infância: “o modelo de beleza



I Encrespa Geral de Porto Alegre. Fotografia da Produção Encrespa Geral POA

para as crianças são as princesas dos contos de fada, podemos citar a Branca de Neve, a Cinderela e A Bela adormecida, todas são personagens de pele branca, cabelo liso, olhos claros e louras." Se constrói assim a ideia de que o negro não é bonito, que o cabelo não é igual ao da princesa e isso vai se naturalizando no imaginário coletivo das nossas crianças.

**"A mocinha quer saber por que ainda ninguém lhe quer. Se é porque a pele é preta ou se ainda não virou mulher. Ela procura entender porque essa desilusão. Pois quando alisa o seu cabelo não vê a solução"**

(Karol Conká)

## De mãe para filha

O toque da mãe com o filho é essencial, trazendo conforto e segurança. Pois veja bem, imagine a mãe tocando sempre nos cabelos de seus filhos, produzindo diversos penteados. Essa relação eleva a autoestima, porque toda vez que a mãe faz isso ela está reafirmando que o cabelo do filho é bonito.

Aline Djokic, é graduanda em Línguas Ibero-Românicas pela Universidade de Hamburgo, Alemanha, e militante negra. Ela relembra da infância e de como encarava o processo de se adequar aos padrões estéticos do cabelo: "Eu me lembro da minha infância, minha mãe querendo me fazer um agrado me enviava para fazer escova. Eu achava aquilo uma tortura e saía morrendo de vergonha, me incomodava ver como 'chovia' elogios para aqueles cabelos esticados. Eu sentia um alívio quando os lavava e eles voltavam ao normal, me sentia livre daquilo que queriam me impor."

É herança da escravidão o preconceito com o cabelo crespo. Os africanos, quando chegavam no Brasil, tinham os seus cabelos e barbas cortadas para que pudessem alcançar um maior valor no mercado de escravos. No entanto, para os escravos este ato equivalia à mutilação, uma vez que o cabelo era uma das marcas da sua identidade. O Brasil tem a maior população negra fora do continente africano. Segundo o IBGE, já somos mais 52,67% da população brasileira. Contudo, em nossa sociedade marcada pelo colonialismo europeu, há um grande processo de desvalorização de tudo que possa a ser relacionado a negritude.

"O meu cabelo é crespo por algum motivo. É a natureza, não somos daqui, fomos colocados aqui. Na África, dependendo do lugar, é muito quente, portanto, eu preciso de um cabelo crespo em que o ar entre e refresque. [...] eu só estou fora do meu ambiente. Portanto a natureza vai adaptando as pessoas como ela são hoje, então não é natural eu não aceitar o meu cabelo, tu pode fazer mudança, o problema é o motivo pelo qual está fazendo isso." Pontua a estudante Cristina França.

## De dentro para fora

Vivemos em um país no qual os valores determinados por uma cultura europeia são vistos ainda hoje como superiores, ocasionando aos negros o desenvolvimento de auto-imagem negativa, acompanhada de baixa auto-estima que tende, como consequência, a perpetuar-se em um processo de exclusão, sustentado por um complexo mecanismo social. O alisamento capilar é um processo no qual a mulher negra muda a aparência para ser aceita da mesma forma em que a mulher branca é aceita e assim triunfar no mundo do padrão estático europeu.

Stéphanie de Araujo, estudante de Direito da Universidade Paulista, analisa quem são as negras aceitas socialmente: "Na nossa sociedade todos são condicionados a achar a mulher negra feia. [...] Nenhuma mulher negra é obrigada a ter cabelo natural, porém não podemos negar que existe uma imposição estética [...]. Ninguém é obrigado [também] a se relacionar com ninguém. Porém, sabemos que a miscigenação no Brasil do século XX foi (e é) uma política de estado para branquear a população e que a mulher preta é preterida (justamente por não atender ao padrão feminino vigente). E por favor, sem essa de dizer que existem negras lindas e feias. A gente já cansou de saber que as únicas negras socialmente aceitas (e mesmo assim em desvantagem por conta do racismo) tem traços finos e cabelos cacheados. Então nem adianta vir citar Camila Pitanga e Débora Nascimento."

A transição capilar consiste na volta do uso da textura natural do cabelo. Porém para a pesquisadora Ângela Figueredo, remeter ao discurso da naturalidade não significa abandonar, na prática, o uso de produtos e técnicas que os modifique, mas, antes, a naturalidade está associada à aparência. Assim, o cabelo tido como natural é aquele que parece não manipulado. Um bom exemplo disto são as pessoas que usam o "canecalom" - cabelo sintético - para aumentar e dar mais volume ao cabelo.

Por diversos motivos, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, muitos retornaram a usar o cabelo natural. Não se trata, portanto, de uma moda crespa, é uma forma de empoderamento tanto das mulheres como dos homens negros. É redescoberta de dentro para fora. Uma liberdade individual, mas que reflete no coletivo. É através desse processo de interação social, que são constituídas as identidades individuais e coletivas. A transição capilar é então um ato que encoraja a partir do momento em que acabo me vendo na outra pessoa e automaticamente passamos a nos aceitar.

## Ser preto tá na moda?

O cabelo transcende o campo da beleza, é portanto raso afirmar que a estética afro está em alta porque virou moda. Nos Estados Unidos, o black power foi símbolo de luta pelos direitos civis dos anos 60. As mulheres negras foram as principais protagonistas. A ativista norte-americana Angela Davis, membro do Partido Comunista e do movimento Panteras Negras, se tornou uma das principais referências na luta pelos direitos dos negros e muito deste reconhecimento e respeito vinha de seu cabelo, que de tão imponente, se tornava mais uma maneira de intimidar opressores. Já aqui no Brasil a visibilidade dos fios crespos vem crescendo nos últimos anos. Por tanto, nenhuma mulher se submete à transição capilar na busca de aderir à uma tendência estética. Este discurso pretende amenizar uma luta de autoafirmação negra. A indústria da moda, de certa forma, se apropria de tudo que fica em evidência. E seguindo a lógica de que se não somos vistos, não compramos, os produtos de cabelo estão se adequando ao mercado do cabelo afro. Não é porque o capitalismo se importa com o negro, mas porque as apostas em produtos de alisamento estão em baixa.

As redes sociais têm privilegiado o surgimento de diversos grupos e páginas sobre cabelo afro, permitindo, assim a inúmeras mulheres negras a trocarem entre si experiências e conhecimento. Uma dessas blogueiras de destaque na internet é a Hellen Thais Lobanov, que atualmente mora nos Estados Unidos. Para Hellen cabelo crespo e moda são termos desassociados:

"Como a gente decidiu ir de contra essa onda de padrão eurocêntrico, e eles (indústria da moda) não tem como lidar com isso, simplesmente falam 'é tendência cabelo crespo', ou seja, eu passei por tudo isso, por todo esse processo de transição só para

ficar na moda, agora? Portanto as crespas são muito visionárias, elas viram que isso seria tendência três anos antes?" Ironiza Hellen Lobanov.

As blogueiras e os grupos no facebook, voltada as mulheres negras têm por objetivo tentar resgatar a autoestima de suas participantes. Geralmente o espaço virtual se amplia a encontros presenciais também. Esse espaço se torna parte da vida dessas mulheres que começam, assim, uma nova etapa de suas vidas, com uma consciência baseada na autoaceitação a partir do momento em que resolvem abandonar os padrões da estética branca e assumir a textura de seus cabelos naturais.

## Representatividade

Os meios de comunicação são o espelho de uma sociedade que historicamente se estruturou na base do racismo. Nas revistas, novelas e propagandas o protagonismo ainda é dominado pelo padrão de beleza europeu, mesmo o negro correspondendo mais que a metade da população brasileira.

A jornalista Fernanda Carvalho, apresentadora do Programa Nação da TVE, sempre focou seu trabalho na história e cultura afrobrasileira. Na infância dos anos 80 tinha um sonho em comum com milhares de outras meninas de sua época, a



Aline Djokic. Arquivo pessoal

*"Pra que? Por quê? Só tem PAQUITA LOIRA  
Aqui não tem preta como apresentadora  
Novela de escravo, a emissora gosta  
Mostra os pretos chibatados pelas costas"*

*(MV Bill)*

de ser paqueta, mas Fernanda é negra e as paquetas loiras: "Vivíamos um momento de invisibilidade, nós simplesmente não existíamos. Na TV a gente não se via em lugar nenhum. E como uma criança, assistindo a televisão diariamente e vendo aquele exército loiro e não poder fazer parte dele vai se afirmar deste jeito? Era muito complicado."

"Quando eu vejo hoje um negro reproduzindo um discurso opressor, percebo que faltam duas coisas ali: primeiro é conhecer a própria história e segundo a autoestima e o programa Nação faz isso. A gente conta a nossa própria história e a partir do momento que contamos a nossa própria história, não tem como não ter orgulho. Quem é que não vai ter orgulho de descender de reis e rainhas? Quem é que não vai ter orgulho de um povo, que apesar de tudo que passou e passa, ainda chegou aonde chegou e onde está chegando? Então quando a gente está no comércio e não nos vemos, a gente não compra e se a gente não se assiste a gente desliga a TV e se a gente desligar a TV nos somos mais da metade da população, então "vai dar problema! E ninguém quer ter problema"

É urgente a necessidade por representatividade negra, para que os que vem na frente se enxerguem também. E o cabelo é um desses elementos fundamentais da autoafirmação e identidade afrobrasileira. Portanto, a retomada do cabelo crespo demonstra um resgate da memória, da cultura e espiritualidade ancestrais do negro.

# Tatuar por quê?

Kátia Regina Souza

Todo corpo é um produtor de signos. Qualquer modificação que fazemos nele, por mais trivial, sempre dirá algo a nosso respeito. Quando nos tatuamos não é diferente. Logo, não existe um fator padrão que motiva as pessoas a adotarem este procedimento, mas sempre haverá um porquê

As tatuagens e modificações corporais têm se tornado um assunto cada vez menos polêmico. Hoje, elas aparecem de diferentes formas em nosso cotidiano e são requisitadas por um grande público, seja como recurso na construção de uma identidade, como meio de expressão artística ou meramente por questões estéticas. É um hábito antigo – ninguém consegue precisar exatamente sua data de origem – que foi incorporado por muitas sociedades ao longo dos tempos. “Esta prática se relaciona com a experiência existencial e remete aos rituais das ditas sociedades não letradas. Cada tatuagem é como se fosse uma escrita; através dela eu sei com quem estou falando. Por este motivo, ela acaba adquirindo múltiplos papéis: identificação, demonstração de laços, pertencimento e exteriorização de fatores que habitam nosso eu”, afirma o fotógrafo Alexandre Medeiros, que vê o tema como um subaspecto dentro da problemática do corpo, a qual tenta pleitear em seus trabalhos ao retratar situações marginais e limítrofes.

A procura por estúdios de tatuagem e body piercing cresceu muito em comparação ao cenário de 10 anos atrás. “A tatuagem ganhou uma nova proporção. Antes, o jovem começava fazendo algo pequeno, primeiro para entender a dor e saber se ia gostar. Agora não. Eles chegam aqui querendo fechar uma perna, um braço. A demanda entre adultos também cresceu. Aliás, são os mais velhos que compõem a maior parte de nossa base de clientes”, conta Ibrahim Barboza, tatuador e dono de um estúdio na zona sul de Porto Alegre.

Para várias pessoas, a tatuagem vai deixando aos poucos de ser um passatempo e se transforma em suas vidas. Cris e Victor Peralta, por exemplo, entraram no Guinness Book (Livro dos Recordes) como o casal mais modificado do mundo. Ela, que trabalha com body piercing, tem quase 55% do corpo tatuado; ele, também um tatuador, já passa dos 95%. “A gente come, respira e vive tatuagem. É algo presente em boa parte do nosso dia. Temos dois estúdios, ambos em Buenos Aires, na Argentina. Passamos mais tempo neles, desenvolvendo os trabalhos dos clientes, do que em casa. Para mim, a pele é uma página em branco. Assim como tem gente que pinta quadros, nós pintamos ela”, afirma Victor. Os benefícios de atuar nesta área são diversos, conforme destaca Cris: “Estamos inseridos dentro de uma comunidade. Tanto pelo fato de

sermos modificados quanto por nossa carreira envolver isto, temos chances excelentes de viajar, participar de convenções do mundo todo, conhecer novas culturas, novas pessoas... Trabalhamos brincando”.

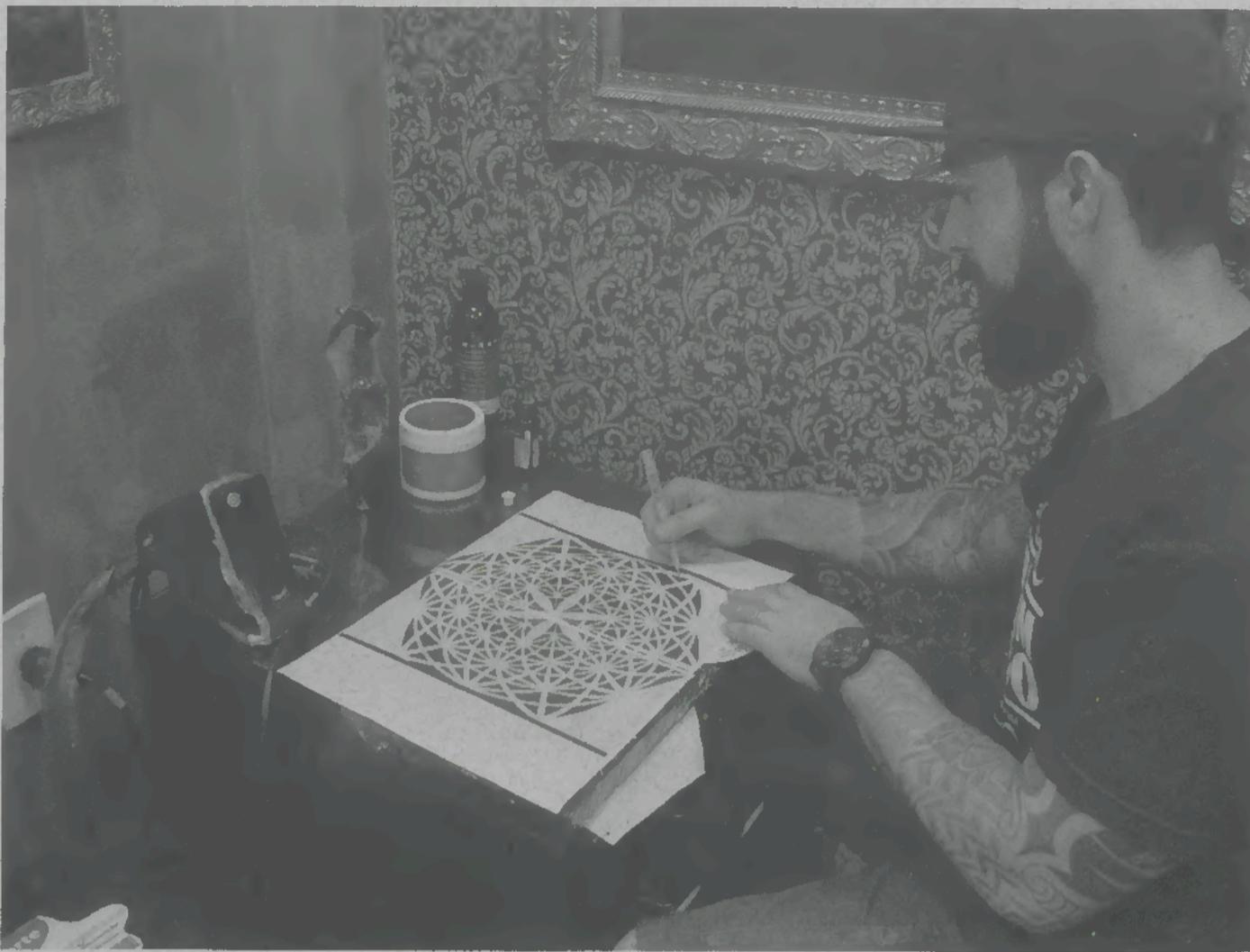
Mas mesmo os mais aficionados no assunto não se resumem somente a isto. Em relação às modificações suas e da esposa, Víctor ressalta que os dois não possuem sempre o seu próximo projeto em mente. “Ao contrário do que alguns possam imaginar, não pensamos o tempo inteiro no que vamos fazer depois. Quando surge uma ideia legal e queremos colocar em prática, a gente põe, simples. Não somos alienados. Ocupamos nossa cabeça com outras coisas”.

## Manifestação marginal ou arte?

Embora o preconceito contra tatuados tenha diminuído, ele está longe de ser abolido por completo. Segundo a tatuadora e body piercer Ana Drechsler, há quem vá aos estúdios para questionar sua soberania sobre o próprio corpo. “Escutamos



A bodypiercer Cris Peralta tem quase 55% de seu corpo tatuado. Victor Peralta tem mais de 95% do corpo modificado e não pretende parar por aí. Em 2014, quando entraram no Guinness Book, o casal somava 77 mudanças.



Apaixonado pela arte desde criança, Ibrahim Barboza acumula prêmios como tatuador.

frases absurdas seguidamente. Tivemos muitos casos de pais que acompanharam os filhos até aqui, enxergaram a quantidade de tatuagens que tenho e disseram 'Olha pra ela, isso não está certo.' Eu não quero que tu fique assim.'"

A intolerância ao redor do tópico tornou-se tão comum para Victor Peralta que já não o perturba. "Em todos os lugares que você for, sempre vai ter um babaca. Ao lado do meu estúdio existe uma Igreja Universal. O pastor costuma falar que eu sou o diabo, manda embora meus clientes, berra no meio da rua e diz um monte de absurdos. Sinceramente, não me incomoda. Ou ele não está bem da cabeça, ou é mais diabo que eu". Na visão de Ibrahim, tatuar é uma arte como as demais. "No momento, estou focado no pontilhismo. Criar um desenho bom neste estilo exige um estudo aprofundado, conhecimento de geometria e todo um cálculo por trás. É um trabalho intenso e demanda comprometimento meu e do cliente, uma vez que pode ser muito demorado".

É complicado destruir um preconceito quando mesmo o campo da tatuagem não está livre dele. Não existem dados oficiais em se tratando deste assunto, mas por meio de conversas com profissionais e visitas a estúdios é possível notar que o número de mulheres tatuadoras ainda é ínfimo se comparado ao de homens. "Trabalho com o piercing há mais de 12 anos e tatuo há

aproximadamente três. Muitos clientes e outros tatuadores costumam pensar que, por eu ser mulher, a arte não será tão bem feita. Isso nos prejudica bastante porque precisamos de oportunidades para montar um bom portfólio e acabamos tendo menos que os homens", desabafa Drechsler.

Quem hostiliza pessoas tatuadas costuma se importar não com o teor do desenho em si, mas com o simples fato dele existir. Afinal, a partir do momento em que somos modificados, passamos a integrar um grupo diferenciado. Ou seja, o debate levantado pela tatuagem se distancia do que diz respeito à beleza por consistir em algo mais profundo. "Não é a estética pela estética. Claro que você vai querer ter um trabalho bonito, mas vai além disso. Quando eu me tatuo, estou escrevendo a minha lei na minha pele: desejos, crenças, temores, fragmentos de ideias que moldam uma personalidade. Como

fotógrafo, estou pouco me lixando para se meu trabalho vai ser considerado arte ou não, e acho que tatuadores também estão. Hoje em dia existe uma grande poluição de imagens belas, de qualidade aceitável, mas que pecam por não dizerem nada. É uma espécie de parnasianismo visual", acredita Medeiros. Ninguém tem propriedade para ditar o que é arte e o que não é, assim como ninguém deveria ter para decidir arbitrariamente se algo é feio ou belo. Desta forma, resta-nos fazer o que nos deixa bem sem nos importarmos com a opinião alheia, jamais permitindo que a discussão acerca do tópico se extinga.



Ana Drechsler é especialista em diversos tipos de modificações

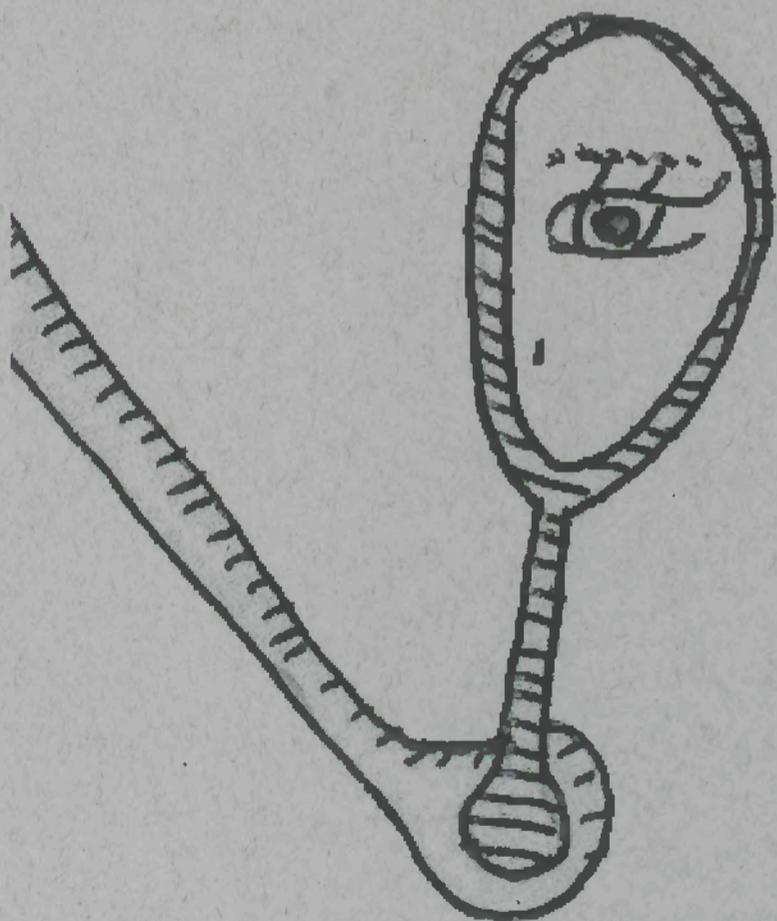
# Campo de permissibilidade

As particularidades da presença da estética na vida de uma drag queen

Vitória Cassola de Lemos

Pedro Henrique diz que não vive sem Isis. E eles têm muito em comum. Pedro tem 30 anos, Isis também. Os mesmos olhos azuis, o mesmo sorriso espontâneo, a mesma (impressionante) maturidade emocional e até a mesma altura – embora, claro, Isis se levante alguns bons centímetros acima do chão com seus sapatos de salto alto, sempre usados pelo maior tempo possível. Ambos também compartilham o passado, o presente e, assim espero, o futuro. Compartilham especialmente porque, em um nível básico, Pedro Henrique Celuppi é Isis King. Nas festas em diversas casas noturnas de Porto Alegre, Pedro brilha e performa. Sim, ele é uma drag queen.

A relação é quase paradoxal: duas pessoas diferentes que, no fim das contas, são a mesma. Mas é bastante possível diferenciar os momentos de cada um. Quando fala de si, Pedro obviamente usa pronomes masculinos. Quando fala de Isis – assim, na terceira pessoa, já que o conheci sem a montagem que leva quase 3 horas para ser concluída – são pronomes femininos. A transição de uma forma de fala para a outra é, entretanto, natural. São opostos que fazem parte de um mesmo ser humano e, por isso, se completam: “Eu vou ser a Isis para a vida inteira”, ele diz com uma convicção da qual eu não teria audácia de duvidar. Se para muitos parece confuso, é normal: sempre temos dificuldade em enxergar aquilo que vai na contracorrente, que ousa, que desafia. E “drag faz esse caminho contrário, porque drag é uma expressão plural”, como frisa PH.



## A busca

“O artista que procura drag como expressão é um artista que quer elevar uma ideia de beleza à máxima potência. A grande essência disso tudo é uma tentativa, com todos os recursos possíveis, de alcançar a máxima beleza”. É assim que Pedro explica seu envolvimento com as questões visuais da performance. Marcado por uma adolescência em que não conseguiu atingir o ideal estético, o bonito rapaz que Pedro se tornou mostra ter coragem suficiente para abraçar aquilo que faz parte de si mesmo e viver, com toda a intensidade à qual tem direito, na pele de Isis King.

Mas ele explica que no universo drag, atualmente, essas noções estéticas são muito mais fluidas. Depois da popularização de RuPaul's Drag Race – seriado americano em que a famosa drag queen RuPaul se dedica a encontrar America's next drag superstar –, a representação dessa pluralidade vem tomando dimensões cada vez maiores. Por ser uma zona de potencialidades, como coloca PH, esse tipo de expressão desata alguns nós aos quais a beleza não ligada ao cross dressing ainda está muito presa. “Drag é um campo de permissibilidade. Tu pode ser bonita de qualquer forma” – e prova disso ocorreu este ano, durante a sétima temporada de RuPaul's Drag Race. O apresentador comandou uma de suas tradicionais provas, desta vez com a exigência de que todas as participantes usassem barba. E o que pode parecer chocante em um primeiro momento se torna, aos poucos, fascinante para quem assistiu ao episódio.

O fato é que, nas últimas décadas e marcadamente nos últimos anos, as performers saíram da zona excluída em que viviam e agora encontram cada vez mais espaço na sociedade não periférica. Além de serem atração especial em festas do circuito mainstream (só a página no Facebook da Xtravaganza Drag Party, em Porto Alegre, tem quase três mil curtidas), passam a ser reconhecidas não apenas como o produto final, mas também como o ser humano que coloca esforço e dedicação em produções de roupa, maquiagem e cabelo que demandam esforços absurdos. De novo, parte do mérito deve ser dado a RuPaul: com seu trabalho de mostrar a pessoa que existe antes, durante e depois do ato de “se montar”, ele criou uma proximidade com o público tradicional que, até então, passava despercebida. A capacidade drag foi, enfim, desmarginalizada.

## Isis King

Pedro tinha fascínio pelo mundo das mulheres, mas não sabia exatamente como lidar com isso – apesar de nunca ter se sentido mulher, havia nele uma atração muito forte pelo universo feminino. E foi justamente com RuPaul (sempre ele) que Pedro Henrique Celuppi teve contato, pela primeira vez, com a possibilidade de drag it up. O garoto da cidade de Sarandi encantou-se por aquele programa que conheceu lá em 2007 e que foi fundamental para que ele passasse a entender melhor as próprias vontades e desejos – segundo ele, a possibilidade de ser, ao mesmo tempo, “uma mulher deslumbrante e um rapaz bacana”. A partir daí surgiu Silvinha Wireless, a “versão mais

jovem" de Isis King.

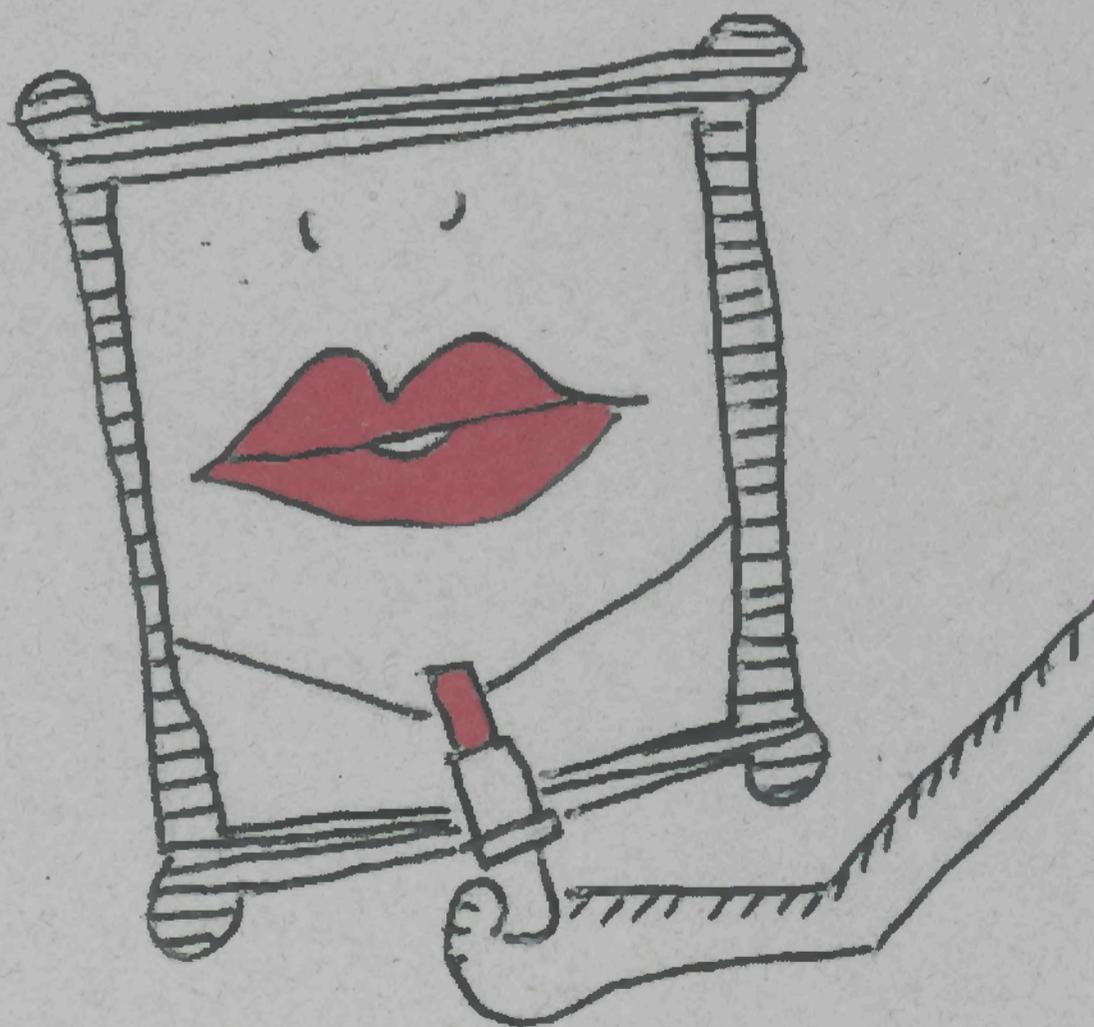
As referências iniciais de beleza vieram dos pageants (concursos de beleza) nos quais os concorrentes são homens que encarnam mulheres. Nesse tipo de competição é proibido, inclusive, que se façam cirurgias estéticas muito marcantes ou que acabem por tornar femininos traços que são característicos do corpo masculino. Muito por conta dessa referência, na primeira festa em que Pedro apareceu produzido, trocou de roupa três vezes: cinco pares de sapato, duas perucas e três figurinos acabaram sendo o pontapé inicial para aquilo que começou como uma expressão da sua individualidade e acabou se tornando também um trabalho. Depois surgiram outras inspirações, como Alexia Twister, Courtney Act e as brasileiras Deengers. Buscando uma valorização estética que não encontrava como homem, Pedro finalmente viu em Isis a chance de expressar sua beleza. Nada está ali por acaso: a visibilidade de Isis King é estratégica e fruto de muito estudo e referências, tanto de outras drags quanto do mundo feminino. Por isso, PH brinca que "a Isis é uma it drag", em referência às mulheres jovens que mergulham no mundo da moda e lançam tendências que usam, chamadas de it girls.

Eu pergunto para ele como é aprender a andar de salto e a absorver os trejeitos tipicamente tidos como femininos quando ele, educado tradicionalmente como menino, não foi cobrado para ter uma preocupação estética desde o início da infância. Pedro responde que a vontade supera esse obstáculo e que, na verdade, a questão do salto alto é muito mais sobre ter coragem de usá-lo na rua e passar da brincadeira feita dentro de casa para uma forma de apresentação social. Dar a cara a tapa, claro, como todo homem que se veste de mulher. E foi indo para a rua, botando a cara no sol, que Pedro aprendeu a transformar sentimento em expressão artística.

## Beleza, sim, mas não só

Isis se assume como uma drag de 30 anos que busca a valorização estética, sim, mas não a ponto de isso se voltar contra si mesma. Sabe, pela própria vivência, que a saúde física e a psicológica não têm preço - embora também saiba, claro, o valor da boa impressão inicial que a beleza naturalmente traz. Isis King escolhe o caminho da dedicação e do esforço para dar o melhor de si, física e pessoalmente. E se ser drag queen mudou a vida de Pedro para atender às necessidades dela - tanto pelas roupas que compra quanto pela maquiagem que teve que aprender a fazer em si mesma, pela feminilidade com a qual tinha dificuldades em lidar e agora pode ser canalizada e, especialmente, pelas experiências que vive -, para Isis, ser Pedro Henrique também concede muita vivência e maturidade.

Todos os problemas que teve com a própria imagem durante a adolescência, no fim das contas, fizeram de Pedro uma pessoa extremamente humana e coerente. "Eu aprendi a ser uma criatura que acha todas as pessoas lindas. E falo muito honestamente, eu realmente acho todo mundo bonito. E se alguém é de certa forma diferente, eu o acho bonito e diferente. Pra mim não existe gente feia. Feio é um comportamento, uma atitude. Feio é uma palavra maldita". É com essas palavras que PH reforça que, drag ou não, somos uma construção muito maior do que aquilo que parecemos. Ou, nas palavras um pouco mais ácidas e bem-humoradas de Isis, "A beleza é efêmera. A beleza estética é efêmera. É por isso que eu sempre digo: te referencia, gata. Busca insumos que possam agregar à tua beleza plástica - que, como plástico exposto ao calor extremo, uma hora vai deformar".



# À ESTÉTICA

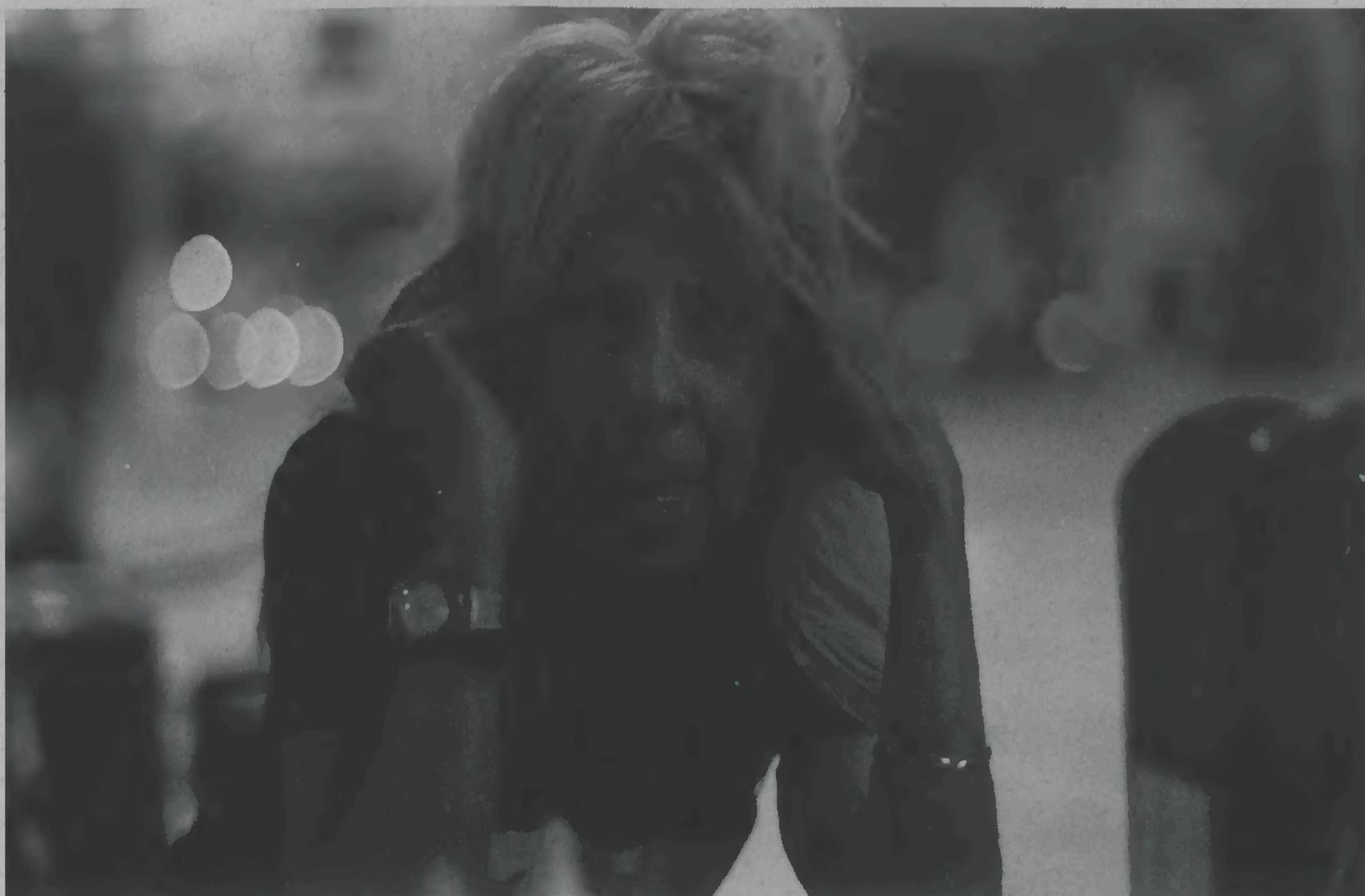
Giuliana Heberle

Uma reportagem fotográfica. Uma temática. Beleza. Feiura. Pré-conceito ou constatação-póstuma? Futilidade. Classe média. Quase todos os estudantes da universidade são. Me incluo. Quase todos certamente poderiam pagar mais de um real e trinta centavos por um almoço. Não vem ao caso. Mas enquanto fazia as primeiras fotografias, me perguntaram quanto eu pagava no almoço. Comecei a pensar. Não lembro quando foi a primeira vez que ocorreu o lapso, de perceber a diferença de classes. Nasci aqui, estudei em colégio público, entrei com cotas no vestibular. Com que idade aprendi a palavra mendigo, marginal? Signo. Medo. Medo? De que? De ter algo que o outro não tem. Vulnerabilidade. Porquê. Medo também de constranger quem não quer-se fotografar. Medo de observar e capturar a miséria humana, e alívio misturado com asco ao não acordar o assunto e levar apenas o registro. Achar bonito. É feio? Trabalho com linhas, pontos, círculos e quadrados, desculpe. A quem se incomoda, de ver beleza na feiura. Geometria. Deste lado do oceano, uma luz mais densa, mais marcante. Mais contrastante. A estética do terceiro mundo. Geométrico igual. Sem sentido. Que sentido? Sentimento. Acabei por me sentir uma hipócrita fazendo as primeiras fotografias, uma otária, culpada de nascer em uma família boa, com pais graduados, com ensino superior. Uma idiota por gostar de ler, saber ler, estudar. Questionei o fato de fazer parte da nata intelectual

do Brasil, de estar cursando o que seja em uma universidade pública, de comer por um real e trinta centavos. Intelectual. Asco. De ser impotente, de não saber, não poder, não querer ajudar, só documentar a miséria, o feio, a pobreza, vestida com as roupas que comprei na Europa quando fui patrocinada com bolsa de estudos de um banco internacional. A ideia inicial, de demonstrar a visão classe média medrosa, de longe, com uma câmera analógica, cheia de ruído, que significava temer menos a possibilidade de roubo, acabou dando um nó no cérebro e parando em uma questão ética-estética. Resolvi então escutar Robert Capa, 'se a fotografia não está boa o suficiente é porque não se está perto o suficiente.' Ao final, passei da estética do medo à estética da ética. Feio, bonito, pobre, rico. E assim, eis o tema final: 'À estética', simplesmente. Subjetivo, como deve ser.

**P.S.: Minhas desculpas aos primeiros fotografados, que jaziam às vezes inertes no chão, sonhando, enquanto eu os utilizava fotograficamente para algum trabalho. Ficará documentado mas nunca exposto, ninguém gosta de se sentir vulnerável.**

A Hermine se apresentou, sorriu. Depois de eu ter contato com 'A história da feiura', do Umberto Eco, queria muito retratar o sorriso dela, por causa dos dentes. Ela só sorria depois que eu clicava. Compreendi. Respeitei. Aos meus olhos ela é linda. Não deu para entender com que trabalhava, com a vida. Tinha morado na Alemanha e adorou a trela no bar Thainá, na Cristóvão Colombo. Foi quem me motivou a largar a estética do medo.



Hermine no bar Thainá, na Cristóvão

O Ênio estava quase dentro daqueles contêineres de lixo, quando eu passei de bicicleta olhando e ele deu um 'oi'. Resolvi frear. Expliquei que fazia um trabalho sobre diferentes padrões de beleza. Ele tem sessenta anos, normalmente pinta casas e faz consertos, mas quando não chamam para nenhum trabalho, ele cata papel e vende. Gastou seiscentos reais no carrinho, metade do valor da minha câmera. Desmistificando. Curtia tomar uma cerveja e comer churrasco nos finais de semana.



Ênio na Ramiro

O Senadir era muito quieto, achei que fosse surdo. De novo de bicicleta, na av. São Pedro, freei para tirar uma fotografia da igreja dos Navegantes. Ele estava atrás. O diálogo foi quase monólogo.

-Posso tirar uma fotografia tua?

Com o dedo em riste, calado, simboliza 'não'.

-Mas se eu tirar tu vais ficar bravo?

Com o dedo em riste, calado, simboliza 'não'.

Clic, clic..

-Como é teu nome?

Quase inaudível, 'Senadir'. Explico o projeto. Tem email? 'Não'. Quer que te envie a foto? 'Não'. Tenho quase certeza de que ele jamais compraria um pau de selfie, e senti muito orgulho dele por isso.



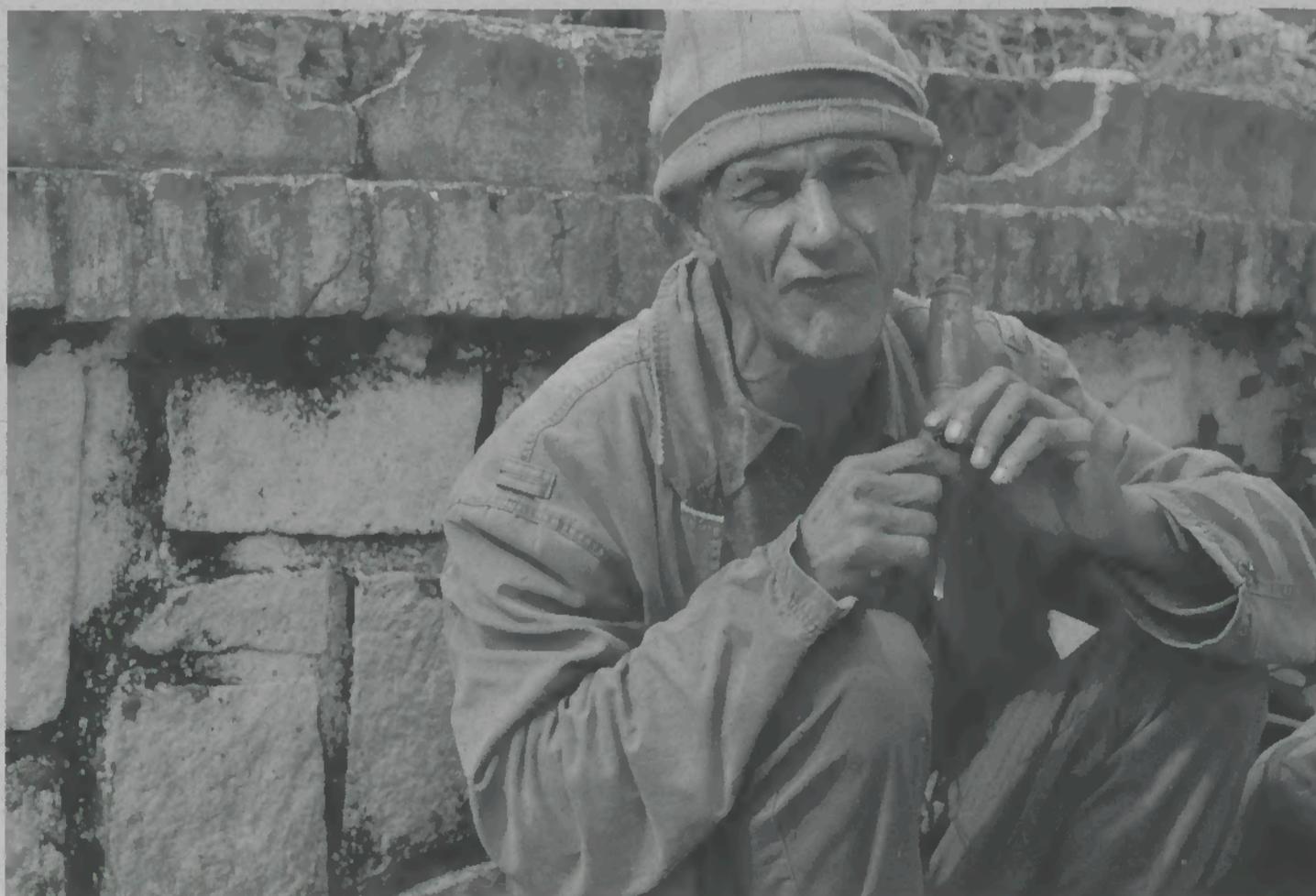
Senadir na São Pedro

Aos meus olhos, todos os fotografados são lindos, não apenas pela expressão, mas por serem. São seres humanos à margem, por serem constatados socialmente como feios e pobres. Todos têm algo dentro para mostrar, e mesmo sem querer, sem saber, para ensinar. E mostraram. E ensinaram. Obrigada.

Com o 'Gaguinho', Cleber Fabiano Pedroso, fiquei três horas conversando. Deixei a bicicleta na esquina. Tirei as fotografias. Quando perguntei o nome dele, obtive a resposta mais inusitada.

-Meu nome é injustiça social.

Ele puxou assunto a partir daí, explicando que tinha perdido a certidão de nascimento uma vez, que a família adofiva o tinha deserddado, e que nunca conhecera a verdadeira família, e agora o cartório não queria dar os documentos dele. Esculpia São Jorge, mas parou para me contar do Fausto, do Goethe, de todas as guerras mundiais, inclusive a terceira que virá, que os judeus dominam o mundo, que as pessoas são malvadas e puxam o tapete umas das outras, e que ele sabe de tudo mas não faz parte de nenhum grupo, pois é artista, e assim sendo, inofensivo. Verdade? Mentira? Me dá igual, é história. Fechei um palheiro, sentei, fumei, e escutei. Fiquei de dar o livro do Jung para ele ler, e de entregar a fotografia impressa, ele tem um álbum onde guarda as que conseguiu salvar das intempéries da vida.



Gaguinho na Mariante

# “Beleza é moda, é arte, é cultura”

Jéssica Nakamura & Maiury Winckiewicz

Radicado em São Paulo, o fotógrafo Kenji Nakamura, de 29 anos, possui Bacharelado em Fotografia com ênfase em Arte e Cultura, pela Faculdade Senac. Também estudou Fotografia de Moda em Nova Iorque, onde teve imagens publicadas em revistas.

Trabalhou como assistente de fotógrafos em São Paulo, Tóquio e Nova Iorque, e como editor na agência Getty Images Latin America e em semanas de moda [São Paulo Fashion Week (SP), Casa de Criadores (SP), Fashion Rio (RJ) e Mercedes Benz Fashion Week (NYC)]. Durante sua estada no Japão, Kenji colaborou com a revista ffw!MAG em uma edição especial sobre Tóquio.

## O que é belo para você?

Belo é inspiração.

## E quais são as suas inspirações?

Inspiração é subjetivo. Tudo depende de momento e humor.

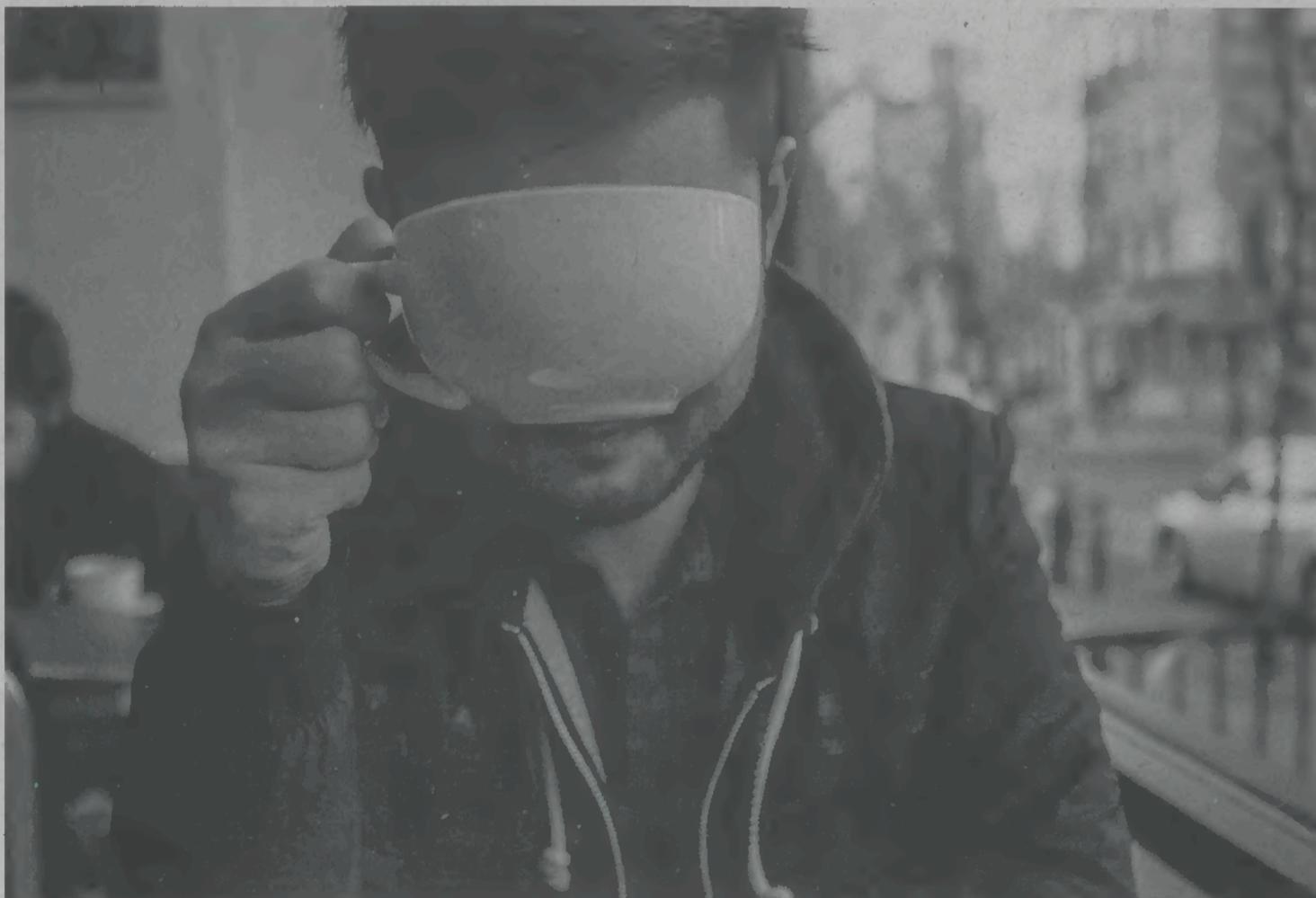
## Por que escolheu a fotografia? O que te motivou a se decidir pela habilitação em Arte e Cultura em detrimento daquela em Fotografia Aplicada?

Escolhi fotografia porque os botões e números da câmera me fascinavam desde cedo. Gostava de olhar pelo visor e brincar com o zoom da super-câmera-eletrônica-automática-novidade-tecnologia que minha mãe adquiriu em viagem ao Japão em 1990. Clicava escondido, pois era filme e a brincadeira tinha fim. O contador digital de “poses” marcava 26, depois marcava 23 e depois não haviam cliques, logo guardava a câmera de volta na bolsinha com velcro.

Nunca achei que a fotografia seria uma possibilidade de profissão. Gostava de Arquitetura, mas no ano do vestibular descobri que havia um curso de Bacharelado em Fotografia em São Paulo e decidi arriscar.

A formação com habilitação em Arte e Cultura me proporcionou um aprofundamento maior na fotografia. Fotografia não é apenas um clique. Fotografia é luz, é a fração do tempo capturada e transformada em referência de tempo, é memória palpável e visível, é preservação do tempo.

Durante o processo da faculdade tive a oportunidade de estudar e realizar imagens com processos fotográficos do



Arquivo Pessoal



Backstage Samuel Cirnansck SPFW

século 19, como Papel Salgado, Van Dyke, Cianótipo e Goma Bicromatada. São processos em que a criação é mais solta, diferente da habilitação em Fotografia Aplicada, que era mais focada em fotografia publicitária e técnicas fotográficas. Gostava de revelar filmes, preparar químicos, colocar a mão na massa e ter a possibilidade de criar.

### **Existe uma motivação específica, um significado por trás do uso corrente do preto e branco em seus trabalhos?**

Sempre gostei de compor a imagem por linhas e formas. Muitas vezes sinto que a cor desvia o olhar dessas minhas composições.

### **Como e por que surgiu o interesse por fotografia de moda?**

Fotografia e Moda são as coisas que mais me alimentam. Gosto de ver o que é belo! É inspiração! Entrei na faculdade com a intenção de focar meus estudos na fotografia de moda, mas acabei me desviando um pouco pro lado da arte durante todo o curso.

Depois de formado, trabalhei como editor de fotografias na agência Getty Images e durante as semanas de moda era enviado para trabalhar em campo, o que eu achava ótimo, pois os quitutes que rolavam na sala de imprensa eram de encher a bolsa e me colocava em contato direto com o universo da fotografia e da moda. Isso me trouxe a vontade de fotografar modelos, moda, beleza. A fotografia de moda, apesar de ser comercial, me possibilita manter a sensibilidade artística e deixar a criatividade acontecer.

É importante mostrar o produto, mas não daquela forma entediante e puramente técnica do fundo branco.

### **Qual a relação que você acredita existir entre beleza, moda, arte e cultura?**

Beleza é moda, é arte, é cultura. Moda é beleza, é arte, é cultura. Arte é beleza, é moda, é cultura. Cultura é beleza, é moda, é arte. Tudo isso é identidade e formas de expressão.

### **Há alguma diferença entre as estéticas oriental e ocidental? Qual a diferença no olhar de um fotógrafo no Japão, nos Estados Unidos e no Brasil?**

A estética vai muito do olhar e isso é cultural. Há diferenças, mas o olhar pode ser treinado e educado através de estudos e no mergulho constante em referências imagéticas. Hoje, com a globalização e a internet "bombando" de informação, creio que as diferenças sejam menores, mas ainda assim é muito pessoal. Acredito que este seja um dos pontos legais da Arte: cada artista possui diferentes emoções, momentos e formas de traduzir isso em suas obras.

### **E quanto ao padrão de beleza? Qual a diferença existente entre Japão, Estados Unidos e Brasil?**

O padrão de beleza está cada vez mais definido pela mídia e as diferenças estão sendo corrigidas cada vez mais através de procedimentos estéticos e cirúrgicos. É comum ver cremes clareadores em farmácias dos Estados Unidos e do Japão. Também são muito comuns cirurgias para olhos asiáticos ficarem ocidentalizados.

### **Percebe se houve uma mudança nos padrões de beleza ultimamente?**

Não sou um "expert" para falar sobre padrões de beleza, mas pelo que acompanhei das últimas semanas de moda internacionais, a beleza exótica e "estranha" tem ganhado espaço. Teve a modelo com vitiligo, a modelo com rosto exótico, a com dentes separados, a da sobancelha grossa, a "esquisitinha". Assim como na parte do vestir moda. A moda não é mais uma ditadora de tendências; os desfiles estão ali para serem meras referências. Seguir tendência em qualquer área é coisa do passado, o lema é do be yourself e ser one of a kind.

### **Qual a influência do tradicionalismo na moda, na arte e na fotografia japonesas?**

Acho o Japão um país muito rico em história e isso é aparente o tempo todo.



Desfile Jeremy Scott - NYFW

### Quais fotógrafos te inspiram?

Gosto dos trabalhos de Francesca Woodman, Robert Frank, Geraldo de Barros, Patrick Demarchelier, Bruce Weber, Mario Testino... Um cesto eclético de referências visuais.

### Que trabalhos marcaram a sua carreira e você gostaria de destacar?

Acho que meu tempo de trabalho como editor e fotógrafo na Getty Images. Aprendi muito! Via centenas de fotografias de diversos temas todos os dias e isso fez com que eu treinasse meu olhar para uma edição muito mais rápida, que carrego até hoje e aplico no meu trabalho comercial e pessoal.



Making of de editorial em Nova York

# O belo de Lee

A "Savage Beauty" de Alexander McQueen e sua importância para a moda

Anna Carolina Chies



A maioria das pessoas já ouviu falar de Lee Alexander McQueen - ou apenas Lee, para os mais íntimos. O estilista vestiu Lady Gaga (inúmeras vezes), era o queridinho de Sarah Jessica Parker, foi responsável por alguns looks de Björk e sua marca também assinou o vestido de noiva de Kate Middleton, a duquesa de Cambridge.

McQueen, que morreu em 2010, deixando a marca com seu nome, era conhecido por suas extravagâncias nas semanas de moda. Os desfiles temáticos e as roupas feitas com materiais improváveis despertavam questionamentos entre os espectadores. Alguns achavam que as peças tinham uma beleza excêntrica; outros, que tudo aquilo era de extremo mau gosto. Divergências de opiniões enfrentadas por todo artista ao expor suas obras. E Alexander McQueen era isso mesmo: um artista expondo sua arte.

Uma das maiores questões que envolvem a moda é quando ela deixa de ser apenas roupa/indumentária e passa também a ser arte. Com isso, temos a alta costura - do francês haute couture, a parte da moda considerada arte por conta de inúmeras regras feitas e inspecionadas em Paris pela Câmara Sindical da Alta-Costura, desde 1868. Resumidamente, a haute couture é nada mais, nada menos que roupas feitas sob medida, com detalhes minuciosamente confeccionados à mão. Graças a ela, marcas como Dior, Chanel e Givenchy ganharam fama e destaque não só no cenário da moda francesa, como também na mundial.

Com o passar do tempo, a alta costura foi decaindo. Por volta da década de 1950, a moda prêt-à-porter ("pronta para vestir") tomou o mercado da moda, cujas indústrias começaram a produzir em massa. As fábricas de roupa podiam confeccionar vestidos de festas e do dia-a-dia em diversos tamanhos e vender a um preço bem mais acessível do que os feitos nas maisons (ateliers onde as peças são confeccionadas) dos estilistas da haute couture. Para manter essas maisons abertas, as marcas foram obrigadas a abrir um espaço para o prêt-à-porter, diminuindo e elitizando cada vez mais as peças feitas em alta costura.

E quando todo mundo achou que a haute couture estava morta, depois das regras cada vez mais restritivas aos costureiros e da aposentadoria dos grandes estilistas por trás das marcas, eis que surgem novas esperanças para ela: a inserção de mentes jovens, excêntricas e de grande criatividade para comandar as coleções da haute couture. E aí entra Alexander McQueen.

Nascido em Londres, McQueen largou o Ensino Médio aos 16 anos para estagiar em uma famosa alfaiataria londrina, a Anderson & Sheppard. Trabalhou como figurinista para a marca

de fantasias para teatro Angels and Bermans e, aos 20 anos, se mudou para Milão a fim de trabalhar com o estilista Romeo Gigli. Ele voltou a Londres para dar aulas de costura na Central Saint Martins College of Art and Design, e foi convencido a fazer um mestrado na faculdade. Em 1992, sua coleção de conclusão de curso, cujo tema era "Jack, o estripador", chamou a atenção da estilista Isabella Blow pelo fato de ser muito bem feita e chocante. Para dar um pouco de noção do que estou falando: uma das peças era um casaco de alfaiataria costurado e bordado com fios de cabelo humano.

Isabella não só amou a coleção, como a comprou e lançou McQueen ao mundo da moda. Em 1995, depois de fazer alguns desfiles e desenhar roupas para as turnês de David Bowie e da cantora Björk, Lee criou uma de suas coleções mais polêmicas: a Highland Rape ("Estupro da Terra Alta", em tradução livre), inspirada nos abusos da Inglaterra sobre a Escócia nos séculos XVIII e XIX. Dela veio a calça bumster, com uma cintura extremamente baixa, que foi sucesso nos anos 1990. Por causa desse desfile, McQueen foi acusado de misoginia, pois as modelos apareciam seminuas ou com rasgos nas roupas, indicando que elas haviam sido violentadas. O estilista negou essas acusações, argumentando que, "se as pessoas falam que eu quero retratar as mulheres desse jeito, é porque eu quero retratar o jeito que a sociedade ainda as vê e não a maneira [com] que eu as vejo".

Apesar das polêmicas, a excentricidade da Highland Rape fez com que o nome de Alexander McQueen chamasse atenção do grupo LVMH (uma holding francesa que reúne várias marcas de luxo, entre elas: Louis Vuitton, Marc Jacobs, Pucci e Dior) e, em 1996, o estilista foi parar no cargo de direção de arte da Givenchy nas coleções de prêt-à-porter e de alta-costura. No entanto, o que era para ser maravilhoso para qualquer estilista com a carreira em ascensão não foi para Alexander McQueen.

Em várias declarações aos jornais, o estilista deixou claro que seu período na Givenchy foi um dos piores para sua criatividade, justamente por não o deixarem criar com liberdade. Apesar dessa pequena censura, a Givenchy, sob o comando de McQueen, fez, na medida do possível, desfiles com a cara do criador. Na coleção de outono de 1998, Lee incluiu uma modelo que possuía as duas pernas amputadas caminhando pela passarela com duas pernas de madeira esculpidas. Já na coleção primavera/verão de 1999, o estilista fez um desfile com uma única modelo, que usava um vestido branco volumoso e sem alças, antes de ser rodado lentamente e pulverizado de tinta por duas armas robóticas. Esses foram dois exemplos de desfiles belos, artísticos e excêntricos, que tiraram o mundo da moda da mesmice, mesmo que com uma certa censura de criatividade.

Em 2001, Alexander McQueen, cansado de ser tão "podado", deixa a direção criativa da Givenchy e faz um acordo com o grupo Gucci, que adquire 51% de sua marca, dando a ele o cargo de diretor criativo e a liberdade ilimitada para criar. Com isso, a mente McQueen foi capaz de criar obras incríveis

com performances surpreendentes nas passarelas. Entre esses espetáculos, merecem destaque as coleções VOSS, The Horn Of Plenty e Plato's Atlantis.

A VOSS, da Primavera/Verão de 2001, teve o desfile mais célebre e dramático idealizado por McQueen. A passarela era uma caixa de vidro com outra caixa escura no meio. Com as luzes de fora da passarela acesas, antes do início do desfile, os vidros tornavam-se espelhos, refletindo a plateia. O começo do desfile fez com que a caixa se acendesse e que as modelos desfilassem em torno da caixa escura no meio. O fascinante no desfile é que as peças são representadas por modelos com elementos diferentes que as tornam "bizarras", porém isso não as torna feias, não causa repulsa ao público e sim admiração. O melhor elemento da performance está no final, quando a caixa escura se abre e se quebra no chão, revelando mariposas e uma modelo nua sentada em um divã com uma máscara de gás. O final mais louco e belo possível.

A coleção The Horn Of Plenty (em livre tradução Cornucópia, nome que faz alusão a um conto grego sobre uma concha que representa uma fonte inesgotável de benefícios), do Outono/Inverno de 2009-10, foi dedicada à mãe de McQueen, revelando o lado mais gótico do estilista. A passarela é absolutamente preta, com uma pilha de entulho - com TVs, antenas e algumas peças dos antigos fashion shows de Alexander McQueen (o que revela a inovação da coleção). As modelos surgem com uma maquiagem forte, em que os lábios têm bastante destaque, pintados de vermelho e cobrindo parte da pele em volta da boca. Além da maquiagem, elas ainda usam objetos como guarda-chuvas e cúpulas de abajur como acessórios na cabeça. Porém, o que chama mais atenção, além

das inusitadas composições, são os dois vestidos finais feitos de penas, mostrando, mais uma vez, o quanto se podia esperar o inesperado do estilista.

A Plato's Atlantis, da Primavera/Verão de 2010, foi baseada nos répteis. Seu desfile começa com uma modelo nua, no telão, coberta por cobras. Logo depois, duas câmeras robóticas na passarela filmam a plateia e as modelos aparecem. Elas vestem, de início, roupas com estampas que lembram lagartos, e todos estão com os cabelos penteados como se fossem escamas que, por vezes, lembram chifres. Quanto maior o cabelo da modelo, maior a escama/chifre. Mais para o fim, as roupas ficam translúcidas e transparentes como se fossem água. Os sapatos possuem um salto super fino e alto e uma enorme plataforma na parte da frente, escondendo qualquer referência a pés. Este visual foi usado no clipe "Bad Romance", de Lady Gaga, música que encerra o desfile.

Alexander McQueen sofria de depressão, que culminou em seu suicídio, em fevereiro de 2010. No entanto, sua genialidade ficou eternizada em suas roupas e em sua marca, que continua a existir sob o comando de Sarah Burton, que era o braço direito de Lee. Por serem verdadeiras obras de arte, as roupas criadas por McQueen ganharam uma exposição chamada Savage Beauty no Metropolitan Museum Of Art de Nova York. A mostra fala das principais inspirações do estilista e dá ênfase para peças especiais (como o vestido de penas que fecha a coleção The Horn of Plenty e o sapato da coleção Plato's Atlantis). A Savage Beauty tem esse nome pela sensibilidade de McQueen em criar, com elementos considerados feios, algo fascinante e fantástico. Atualmente, a mostra virou itinerante e se encontra exposta no Vitoria&Albert Museum, em Londres.



# Coroando bonecas

Nathalia Fraga Cardoso

Sombra escura nos olhos. Camadas e mais camadas de rímel. Lábios pintados de rosa (ou em alguns casos, de vermelho). Horas no cabeleireiro. Contrato de exclusividade com marcas de roupas. Maquiagem feita por maquiadores da Rede Globo. Nome citado em livro de grandes missólogos. Coroas com 20 centímetros de altura. Viagens a lugares fascinantes como o Caribe e a Europa. Em uma vida rápida, é apenas mais um dia na vida de misses ou modelos. E elas realmente são grandes profissionais da beleza – mas têm de 8 a 12 anos de idade. Esse é o mundo das Mini Misses: um ambiente onde meninas são princesas da beleza. Mas a que preço?

O Mini Miss Brasil, concurso nacional de beleza infantil, e evento filial do Miss Brasil Oficial, é uma competição para meninas de 8 a 12 anos, com representantes de todos os estados do Brasil. As participantes começam a ser selecionadas em etapas municipais, depois avançam para o concurso estadual, e a grande vencedora da edição nacional participa do Mini Miss Universo, que acontece no exterior. As etapas nacionais e internacionais da edição de 2015 serão realizadas, respectivamente, no Rio de Janeiro e no Panamá.

Como qualquer concurso, o Mini Miss Brasil tem as suas regras de organização e apresentação. A competição segue o padrão internacional de concursos de beleza, então há tanto cobranças como privilégios do lado das pequenas competidoras. Quando fazem check-in no hotel onde ficam hospedadas, as meninas ganham um “jabá” da produção, contendo cosméticos, roupas e joias. Os desfiles do concurso são divididos em cinco etapas: traje de gala – vestido longo de princesa -, vestido de coquetel curto, o traje casual – uma camiseta e calça jeans -, traje de banho e traje típico.

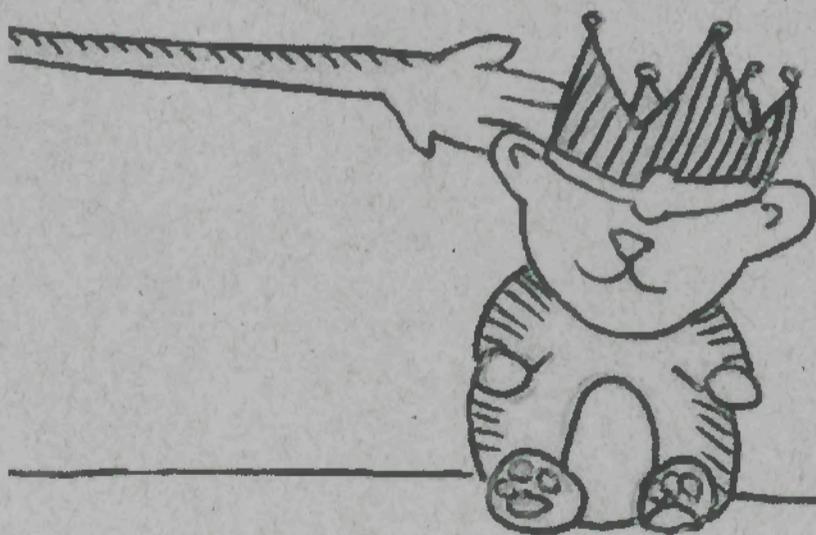
Mas apenas uma boa aparência não garante o sucesso no concurso. De acordo com Brunno Jobb, organizador e produtor do evento há sete anos, uma menina deve ser desenvolvida com o público e viver uma vida saudável para conquistar o título. “A mini miss deve ter boa capacidade de comunicação com o público, deve ser extrovertida e, principalmente, querer participar. Nós nunca forçaríamos uma criança a fazer o que ela não quer. Além disso, a menina deve levar uma vida normal e sadia, como qualquer outra criança – deve estudar, brincar e se divertir”, afirma Brunno.

A maneira de lidar psicologicamente com a situação também é importante para o decorrer deste tipo de evento. No Mini Miss Brasil, as meninas têm um psicólogo sempre à disposição, e o mais importante é assegurar que elas nunca percam a noção de que são crianças. A psicóloga Melisa Corrêa afirma que a competição nesta faixa etária tende a ser algo saudável, desde que para fins educativos ou recreativos. Segundo Melisa, participar de competições estimula as meninas a compreender e acatar regras, a entender o ganho e a perda, a desenvolver convivência em grupo e a assimilar atitudes de cooperação. Contudo, a psicóloga afirma que, quando a competição vira algo obsessivo, estimulando apenas o ganho, pode resultar em danos no desenvolvimento

psíquico da criança.

Lidar com as mães de Mini Misses também requer um cuidado especial, uma vez que elas são, além de mães, as agentes, responsáveis legais, incentivadoras e maiores fãs de suas filhas. Na posição de organizador do evento, Brunno Jobb afirma que, em muitos casos, o tratamento com as mães chega a ser mais complicado do que com as próprias meninas. Ele ressalta a importância de conhecer e entender cada família, desde o momento da inscrição na competição. “Cada mãe tem a sua própria maneira de tratar com a sua filha, e a comissão do concurso tem que se adaptar em cada situação de cada família”, comenta o produtor. Também não são raros os casos de projeção das mães nas filhas, uma vez que algumas mães foram misses ou apenas querem participar deste tipo de experiência com suas filhas. Melisa Corrêa alerta para os cuidados com o processo de “compensação” das mães com as filhas: “esse tipo de competição, só terá valia se for prazeroso para a criança. Respeitando seus limites, respeitando o ‘ser criança’”.

Mas a maioria das mães se abstém quando o assunto é o incentivo à entrada das meninas neste tipo de concurso. Quando perguntadas a respeito, quase sempre apontam o ingresso como ideia do pai, de professores, de amigos da família ou da própria menina. Em respostas repassadas pela assessoria de imprensa do concurso, uma vez que nem a menina nem a mãe podem falar sem autorização expressa, a mãe de Lívia Monteiro, Mini Miss Brasil 2014, explicou que a entrada da menina foi por vontade dela própria. “A ideia sempre foi dela. Ela sempre gostou de brincar de desfilar, sonhava em ser princesa e só com os concursos de miss que ela pôde realizar esse sonho”, conta. Já Cláudia Gasparin,



mãe da Mini Miss Universo Pietra Gasparin, entrevistada em um evento para Mini Misses ocorrido em uma loja de brinquedos de Porto Alegre, Pietra foi convidada a ser Mini Miss Passo Fundo (cidade onde reside a família), e então a carreira de Mini Miss começou a deslanchar por si só. "A partir deste convite, a Pietra participou do Mini Miss Rio Grande do Sul Universo, foi classificada como 1ª princesa e, após isso, convidada a representar o país como Mini Miss Brasil Universo.", responde a mãe, orgulhosa da trajetória de sua filha.

Porém, Brunno Jobb afirma que no Mini Miss Brasil não há perdedoras, uma vez que todas as meninas ganham algum tipo de premiação e título, além de uma faixa e uma coroa. As premiações variam muito, podendo ser prêmios em dinheiro, books fotográficos, contratos como modelo, viagem com acompanhante, presentes dos patrocinadores, buquês de flores, entre outros. O que é minimamente justo, uma vez que o investimento básico da família para a participação neste tipo de concurso beira uma média de seis mil reais e, dependendo do poder aquisitivo da família, os gastos com a produção das meninas podem chegar a 15 mil reais.

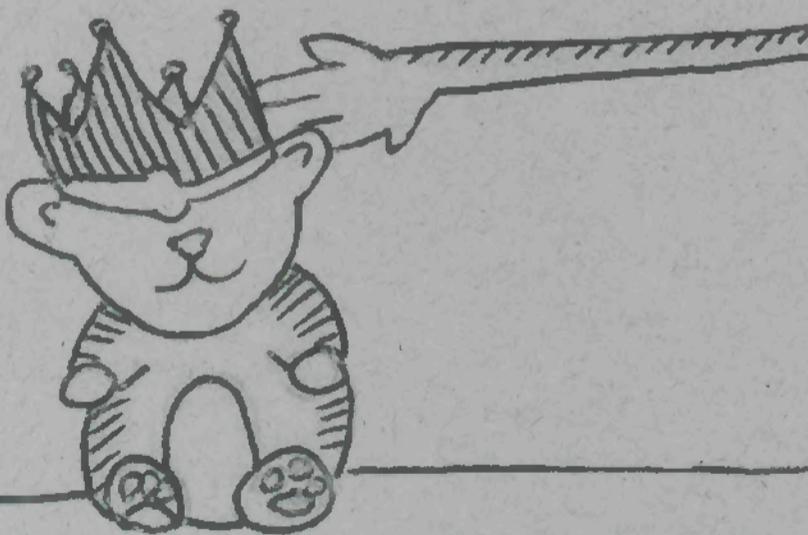
A maturidade das meninas também deve ser observada neste tipo de situação. Por haver muita exposição de suas imagens, as mini misses talvez não dimensionem como as suas participações em concursos de beleza podem afetar, no futuro, sua auto-estima. Também há casos em que as meninas, com penteados volumosos, vestidos justos e maquiagem carregada, abandonam a aparência de pequenas princesas e transformam-se em "mini-mulheres". Melisa Corrêa explica que as crianças, nesta faixa etária, já têm mais consciência de seus corpos, têm reconhecimento de

*"A maturidade das meninas também deve ser observada neste tipo de situação. Por haver muita exposição de suas imagens, as mini misses talvez não dimensionem como as suas participações em concursos de beleza podem afetar, no futuro, sua auto-estima."*

gênero mas, por ser uma fase de transição (da infância para a juventude), estão ocorrendo muitas mudanças em seus corpos, na sexualidade e, dependendo de como elas encaram, pode ser muito prejudicial para elas.

Em termos legais, os responsáveis devem sempre manter os olhos bem abertos. De acordo com o advogado Charles Barbosa, nenhum adolescente com menos de 16 anos pode assinar ou assumir a responsabilidade de um contrato - esta instância passa, então para os responsáveis legais. A imagem das meninas poderá ser distribuída de acordo com o combinado por contrato - vinculação da imagem por X meses ou por X edições em revistas especializadas ou quaisquer outros meios de comunicação. Essas imagens não podem, em hipótese alguma, ferir a honra e a dignidade da criança ou da adolescente. Caso as meninas se sintam lesadas de qualquer forma, os pais devem representar os filhos e assisti-los juridicamente. Se os pais não as ajudarem, elas podem sempre procurar o conselho tutelar - que pode ser acionado inclusive por pessoas de fora, como professores, médicos, vizinhos, caso percebam algum abuso ou negligência por parte dos responsáveis legais. Charles Barbosa também aconselha, antes de se inscrever neste tipo de competição, fazer uma busca rápida no site do Tribunal de Justiça do Estado, para procurar a existência de processos ou ações protocoladas contra a empresa organizadora dos concursos de beleza.

Mas uma opinião é unânime entre todas as mini misses entrevistadas: elas fazem porque amam. Livia Monteiro, Mini Miss Brasil, sempre brincou de desfilas e sonhou em ser princesa. Desde os cinco anos, participa de concursos de beleza e, apesar de não poder dar entrevistas sobre o que ama, adora seu lado profissional. Ama a atenção do público quando está na passarela. Pietra Gasparin, Mini Miss Brasil Universo, ama o brilho e as roupas. A menina faz inglês, teatro, piano, violão, canto, patinação, teatro e termina a semana com uma sessão com a psicóloga. Não há dúvidas de que é uma vida de sonhos. Uma vida recheada de brilho e glamour. Mas seria realmente uma vida para uma criança de 10 anos?



# A beleza de viver

Antonio Felipe Purcino  
& Roberta Scherer

Quando começamos a pensar essa pauta, nosso conceito inicial era "beleza roubada". Porém, ao nos depararmos com as histórias que preenchem estas páginas, questionamo-nos: que beleza é essa que foi roubada? A das top models que flanam pelas passarelas? Aquela que ilustra as capas das revistas semanais? Não, não estamos falando de uma beleza que segue os padrões implicitamente estabelecidos pela sociedade. As duas personagens da reportagem não estão enquadradas em postulados. A vida não lhes tirou beleza alguma. Ao contrário, deram-lhe uma beleza peculiar, única e admirável. Que se torna mais bela à medida que conhecemos suas histórias de determinação e vontade de viver.

## A criadora de belezas

Na manhã do dia 16 de abril, chegamos ao bairro Monte Belo, em Gravataí. Ao final de uma rua de chão batido, Letícia Ávila Lopes nos recepciona em sua residência, onde vive com a mãe, a dona de casa Janete, e o pai, o caminhoneiro Aldoir. Em seu quarto, diferentes épocas da vida se misturam. Do alto do armário, uma dezena de pelúcias da infância observa aquela menina que hoje é uma mulher adulta, com seus 21 anos. Na parede ao lado da cama, o banner fotográfico exhibe seu aniversário de 15 anos. A expressão facial séria e o look produzido dão a pista para que tipo de garota que observamos: decidida, vaidosa, que sabe o que quer.

A primeira impressão quando a vemos é de aparente fragilidade. Algo que fica para trás à medida que descobrimos sua força recôndita. Aos 21 anos, Letícia já superou o câncer. Quando tinha apenas dois anos, sintomas parecidos com o de uma gripe lhe abateram de súbito. No entanto, era sinal de algo mais grave: leucemia linfocítica aguda (LLA). Seguiu-se o tratamento, com radioterapia e quimioterapia. Prestes a entrar em fase de remissão, a menina teve uma recaída. A leucemia voltou. Com cinco anos, fez o transplante de medula óssea – doada por seu irmão Leandro, hoje com 27 anos.

Os meses se passaram e tudo parecia bem. Letícia seguia sua vida normal de criança, com alegria e entusiasmo. Até que, um ano depois do transplante, um novo baque. O corpo da menina começa a inchar, quase dobrando de tamanho. Era a chamada Doença do Enxerto Contra Hospedeiro (DECH), quando as células do doador atacam o organismo do receptor. Com o quadro, os nervos de seus membros começaram a encolher. Seus braços e pernas atrofiaram.

Começava uma nova batalha – e que duraria muito mais tempo.

Letícia passou a fazer fisioterapia para conseguir mobilidade. Nas pernas, o tratamento foi satisfatório. A garota consegue se sustentar e caminhar sem dificuldade. Já seus braços não tiveram o mesmo avanço, ficando arqueados – o que não a impede, porém, de levantá-los ou de manusear objetos. Como resultado, ela também ficou com baixa estatura, medindo hoje menos de 1,50m.

Sua condição física não a fez ter uma vida muito diferente de outras pessoas. Na escola, por exemplo, sempre contou com a compreensão de todos. "A turma toda sempre ajudou, auxiliou. Os amigos sempre foram solidários, estavam sempre em volta", conta. Na adolescência, enfrentou o processo de autoaceitação, período que foi superado. "Era bem complicado. Eu reclamava muito, todo dia. Mas hoje é mais tranquilo", relata. Nessa época, a garota começou a frequentar festas. "Meus amigos diziam: 'a social sem você não vai ter graça'". Nas saídas, também ficava com alguns garotos. Há pouco tempo, estava namorando – porém o relacionamento não andou por causa do pai, muito protetor.

Se entre os amigos a condição física de Letícia passa despercebida, entre os desconhecidos isso às vezes provoca olhares tortos. Ao que a garota responde da mesma moeda.



As fotos relembram o período de antes e depois da leucemia



*Leticia preocupa-se em estar sempre bem arrumada e maquiada*

“Não tô nem aí. Quer falar [algo sobre seu estado], fala. Quer pensar, pensa. Tem gente que gosta de mim”, diz, com a objetividade que é sua marca. Leticia é direta também ao apontar os caminhos que pretende seguir: especializar-se em maquiagem e fotografia.

A primeira atividade já faz parte de seu cotidiano.

Em seu quarto, ela nos apresenta seu kit completo. Em frente ao espelho, mostra como se maquia. Vaidosa, ela se preocupa em estar sempre bem arrumada – como estava ao nos receber para sua entrevista. Além da automaquiagem, Leticia também maquia profissionalmente. Com a indicação de um salão de beleza da vizinhança, outras mulheres buscam seus serviços. No Youtube, ela procura aprender mais.

Para breve, Leticia quer ter uma câmera, para então praticar a fotografia. Ela não tem grandes planos. Espera apenas que, como sua vida até hoje, tudo ocorra ao natural. “Quero viver, ter minha câmera, fotografar, maquiar. Não preciso ser uma pessoa conhecida mundialmente, mas quero que valorizem meu trabalho pelo esforço que faço. Quero que tudo aconteça naturalmente”, projeta.

Ideais de Leticia, que no braço carrega uma tatuagem com o símbolo do infinito. Ao final daquela manhã,

despedimo-nos de Leticia. Uma garota que soube superar as barreiras que surgiram. Dona não só de uma beleza única, mas ela própria a criadora de belezas. Sejam elas efêmeras, como as produzidas por suas maquiagens. Sejam elas eternas, como as que ela pretende capturar com sua câmera. Eternas, não. Infinitas

### De frente para o espelho

Fernanda Pinto tinha 27 anos quando, depois de uma década, olhava-se por completo novamente no espelho pela primeira vez. E, ela percebeu o quanto é bonita – sem querer ser convencida, ressalta. Hoje, aos 35 anos, ela reflete a importância daquele momento para sua vida: “depois de dez anos pude encarar a mim mesma”.

Em São Gabriel, cidade do sul do estado, a 320 quilômetros de Porto Alegre, vive Fernanda. Em sua casa, ela recorda os primórdios de sua vida. Até os quatro anos, uma criança repleta de energia diante de um mundo todo a descobrir. Porém, essa idade foi um marco: tudo seria diferente. Ela foi diagnosticada com distonia muscular generalizada, um distúrbio neurológico que provoca contrações nos músculos.

Iniciou-se com dificuldades na fala. Por um bom tempo, o quadro não teve evolução significativa. O que permitiu com que vivesse o restante da sua infância e o começo da adolescência sem maiores dificuldades. Aos 15 anos, como manda o figurino, fez uma festa para apresentar-se à sociedade gabrielense. Mas logo as coisas foram mudando outra vez. Ainda com 15, os sintomas se acentuaram. Seus olhos piscavam muito e um dos braços começou a enrijecer. Dois anos depois, a doença se agravou. Fernanda foi perdendo gradativamente os movimentos, ficando presa a uma cama. A garota foi emagrecendo, perdendo até quarenta quilos. Parecia que aquela seria sua vida dali para frente.

Mas era apenas o começo de uma vida diferente – e surpreendente. Em 2002, Fernanda passou pela primeira de suas sete cirurgias para amenizar os sintomas da doença. Teve uma melhora, que a fez repensar sobre sua própria aparência. Começou pedindo para que lhe fizessem as unhas. Ainda nesse período, tinha dificuldade em lidar com os olhares nas ruas.

Isso mudou depois de 2006, quando passou por uma cirurgia no pescoço, o qual estava totalmente inclinado para cima, impedindo-a de olhar a si mesma no espelho. No ano seguinte, aos 27 anos, encarou-se novamente depois de dez anos. E viu a sua beleza outra vez. Um momento catártico, que lhe deu impulso para encarar o mundo. Com a insistência de uma cuidadora da época, quis sair de casa, para ver gente e ser vista. Festas e bares tornaram-se parte de sua rotina.

Em 2010, mais um passo. Colocou eletrodos e sentiu-se mais forte. Foi ganhando autoestima. A vaidade passou a marcar presença em seu dia a dia. A cada semana, visitava a manicure. Para sair, estava sempre maquiada. A mãe Vânia diz a Fernanda que ela é mais vaidosa que ela e as irmãs. Nanda, como é chamada pelos amigos, acredita que para ser bonita aos outros, deve ser bonita para si mesma. “Se você se achar um caco, ninguém vai te achar bonita”, assinala.

Uma preocupação para ela é manter a mente ativa, produzir. Estudou marketing na Uninter, fez curso de inglês. Contudo, o mais importante é a escrita. Durante um período assinou uma coluna em um jornal da cidade. Hoje todas estão reunidas em um livro: *Olá, vida!* Nas páginas, histórias sobre ela, suas opiniões, seus medos. Um texto com personalidade e amor em cada linha.

Na vida social, até hoje, é presença certa em festas e confraternizações. Viaja - esteve no último dezembro no Rio de Janeiro. Segue em tratamento, recebendo aplicações de toxina botulínica para diminuir os efeitos da distonia. As limitações que ainda existem não a impedem de ser uma mulher ativa e produtiva. Características que fazem com que se sinta bem consigo e com os demais.

Olhando-se no espelho e recordando de sua juventude, Fernanda sente saudade de seus quinze anos como qualquer pessoa. Saudades do tempo que passou. Um tempo que lhe impôs dificuldades, que ela superou. E que moldaram a Nanda de agora. Oito anos depois de voltar a se encarar no espelho, hoje vê o que se tornou: uma mulher bonita, dedicada, inspiradora.



Aos 15 anos, como manda a tradição, Nanda é apresentada à Sociedade Gabrielense no principal clube da cidade.



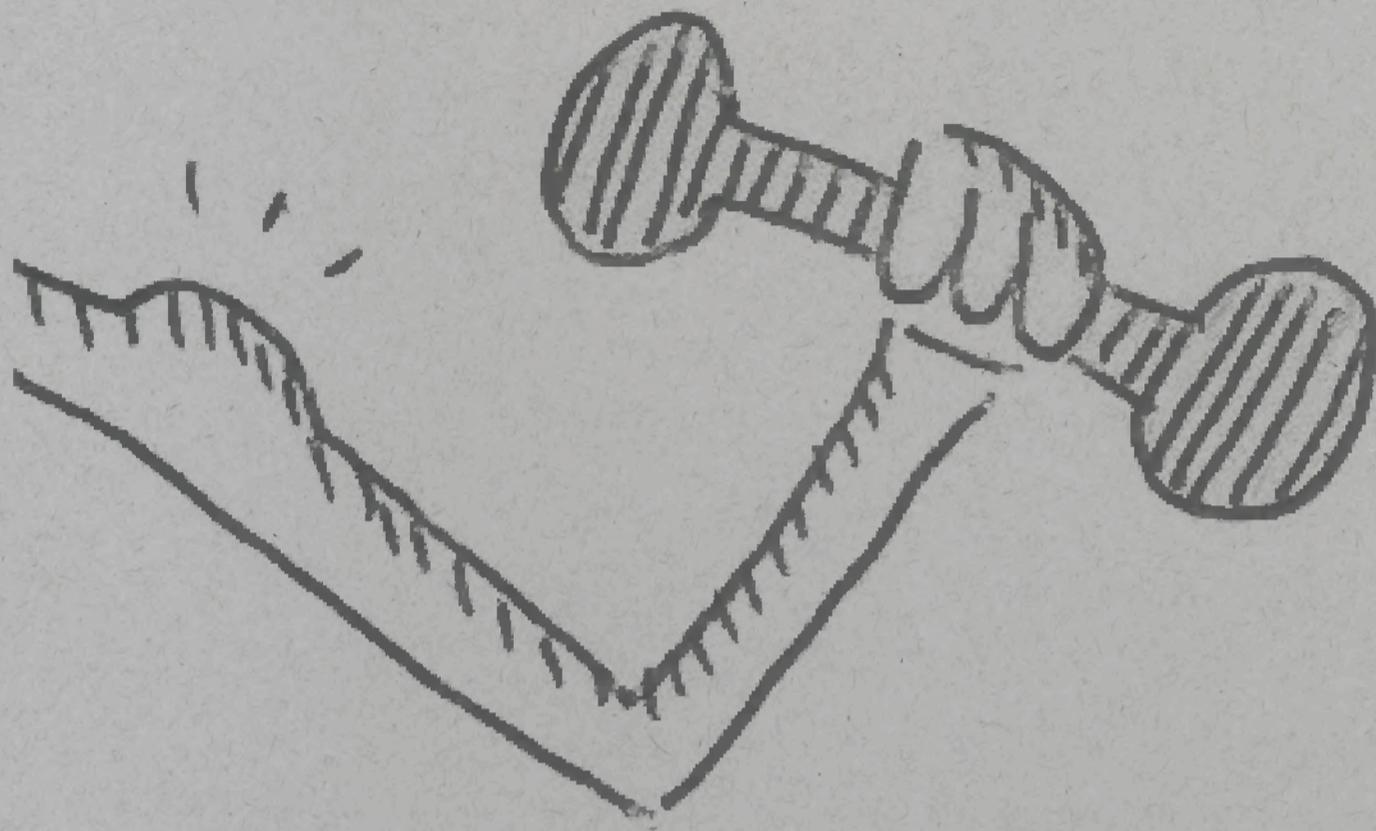
"Depois de dez anos pude encarar a mim mesma", conta Fernanda

*Em algumas ocasiões sinto-me tão frágil como uma pétala de rosa, muito delicada. E em outras, sinto-me tão forte como uma rocha entre as ondas do mar.*

Trecho de "Um pássaro sem asas",  
*Olá Vida*

# #Geraçãooacademia

Luiza Fritzen



Whey protein, dieta à base de frango e batata doce, academia seis vezes por semana: parece algo da modernidade, mas o culto ao corpo e à perfeição física começou com os povos antigos. Em Esparta, por exemplo, os recém-nascidos eram sacrificados se apresentassem alguma deficiência física e fossem considerados fracos.

Com o uso da internet e das redes sociais, a valorização do corpo está cada dia mais relacionada à boa forma física, à magreza ou à hipertrofia. O público-alvo das academias deixou de ser apenas quem busca perder peso ou lidar com doenças (como diabetes e hipertensão) para se tornar a segunda casa de quem quer envelhecer com qualidade ou ter o corpo perfeito.

Segundo dados da Associação Brasileira de Academias (ACAD), no Brasil, o número de estabelecimentos ultrapassa os 30 mil, com mais de oito milhões de alunos matriculados - o que rendeu um faturamento de cerca de R\$ 6,5 milhões ao setor somente no ano passado. O mercado tem se adaptado à nova geração fitness e oferece, além de locais para a tradicional musculação, escolas de dança e natação, espaços para lutas e crossfit - a nova modalidade de treino, que trabalha o condicionamento físico através de exercícios funcionais de alta intensidade. Artigos esportivos, restaurantes especializados, lojas com alimentação específica e até mesmo aplicativos que contam calorias e fornecem dicas alimentares foram criados.

Reforçado pelas mídias, o padrão de beleza corporal é imposto em sociedades e ignora o biótipo da população local e suas origens. São inúmeros os casos de atrizes de cinema que se tornaram exemplos a serem seguidos, não apenas pelos penteados e pelas roupas, mas também, principalmente, por sua forma física - como medida de cintura, quadris e busto. Novelas e comerciais explicitam o corpo considerado padrão no momento, atravessando décadas e alternando entre magros, volumosos e definidos. Revistas servem como guias para alcançar os corpos ditos como perfeitos, trazem as dietas dos famosos e desconsideram a rotina, as condições financeiras

e o metabolismo de cada indivíduo. Além disso, o parâmetro utilizado tem como base, na maioria das vezes, fotos retocadas e manipuladas em programas de computador que estabelecem perfis corporais praticamente impossíveis.

Guilherme Medeiros, 22 anos, aumentou o cuidado com a alimentação e mudou o foco na academia após começar a trabalhar como modelo. "É um mercado bem competitivo quanto ao corpo. Eu, que sempre malhei para ficar grande, agora mudei meu treino e a minha dieta para ficar o mais definido possível", enfatiza o modelo que, para seguir a carreira, mudou-se para São Paulo e treina em média duas horas por dia.

Ele conta ainda que, na falta de condições financeiras para consultar um profissional, realiza pesquisas na internet sobre o assunto. Contudo, ele diz não confiar em tudo o que lê na web. "Sem dúvidas, o certo é sempre consultar um profissional, mas na falta de um, procuro ouvir dicas de atletas profissionais. Nunca confiei muito em quem tem só a informação na teoria".

A estudante de psicologia Julia Hoffman, 21 anos, relata que também precisou adaptar seu corpo ao mundo da moda quando, aos 15 anos, foi convidada para ser modelo. "Eu era gordinha quando mais nova. Com o crescimento, acabei com um peso mais saudável. Mas era uma falsa magra, porque ainda comia porcarias e achava que era bobagem ter uma alimentação saudável. Quando me convidaram para trabalhar como modelo, disseram que como condição eu deveria perder cinco quilos", conta.

Julia já foi Garota Verão e posa como modelo para várias marcas. Alinhando a faculdade com o trabalho, hoje ela encara a alimentação de outra forma, malha todos os dias e pratica boxe no mínimo duas vezes na semana. Para participar de uma promoção lançada nas redes, a estudante de psicologia criou uma conta chamada healthyaddiction, na qual fala sobre a sua rotina e posta fotos de seus treinos e refeições. "O meu intuito é continuar postando, mesmo quando o desafio acabar. Eu quero



Ao assumir a carreira de modelo, Guilherme Medeiros precisou mudar a alimentação e os treinos na academia para lidar com o mercado competitivo.

poder ajudar outras pessoas que, como eu, ficaram perdidas e acreditaram em dietas milagrosas”.

O aumento da procura pelo assunto na internet facilita o tráfego de informações incorretas sobre o mundo fitness. Em uma rápida pesquisa pelo Google, é possível encontrar milhares de blogs e sites receitando dietas que prometem perda de peso em poucos dias, diminuição de medidas e outras informações que, em sua grande maioria, não apresentam nenhum embasamento científico. O que se encontra em menor número online são informações a respeito das lesões causadas pela prática incorreta e exagerada de atividades físicas e das carências sofridas pelo organismo, ocasionadas pela má alimentação. É o que afirma a personal trainer Bárbara Laguna, que trabalha há quatro anos no ramo. “É quase um problema de saúde pública, porque são muitas pessoas fazendo loucuras sem supervisão de nenhum profissional, seja nutricionista ou educador físico, e sem conhecimento do que tomam, comem e praticam”, relata.

Bárbara, que também dá aulas de jump, considera que o incentivo incorreto à prática de atividades físicas deixa de lado a preocupação com a saúde. “A plástica perfeita do corpo anda muito em alta e a saúde de lado. O importante é ser saudável e ter qualidade de movimento, ampliar a carga motora e a elasticidade. É importante para o indivíduo ser ativo fisicamente para que ele tenha um envelhecimento sem sofrer as consequências dos descuidos da juventude”, explica.

Uma das mídias que mais vem sendo utilizada para divulgar o tema é o Instagram. A rede social permite a postagem de fotos e vídeos, o que atrai milhares de seguidores em perfis de personalidades fitness interessados em acompanhar seus estilos de vida, suas dietas e seus exercícios. O imediatismo do meio amplia as postagens e serve como canal difusor dos resultados obtidos, além de estimular outras pessoas a aderirem a essas práticas. Hashtags como “ficagrande” ou “acreditabonita” ilustram imagens de pessoas em academias, levantando peso ou realizando refeições com os alimentos preferidos do momento: frango, ovo e batata doce. Foco, força, disciplina, determinação e força de vontade para atingir os objetivos são os lemas da “geração academia”.

Conhecida como uma das pioneiras a usar as redes sociais para propagar dietas e exercícios físicos, Bella Falconi abriu mão da alimentação radical ao descobrir, por meio de exames, que sofria de deficiência de vitaminas. Ídola de muitas mulheres que buscavam um corpo magro e um abdômen definido, Bella treinava todos os dias e destinava apenas um dia na semana para comer o que quisesse. Além de levar batata doce para comer nos restaurantes, a modelo contou em entrevista ao site Ego que tinha medo de engordar comendo a comida feita por outras pessoas. Após passar meses sem menstruar e ter seu percentual de gordura corporal abaixo dos 10%, Bella

decidiu mudar os treinos e a forma de se alimentar. “Eu cortava alimentos julgando que eles iriam me engordar, mas meu organismo precisava deles. Em uma consulta, o médico perguntou sobre menstruação e eu nem lembrava quando havia sido a minha última. Ele mostrou que isso não era legal porque, apesar de ter uma vida regrada, não sou atleta profissional”, relata, em entrevista feita pelo portal de notícias R7.

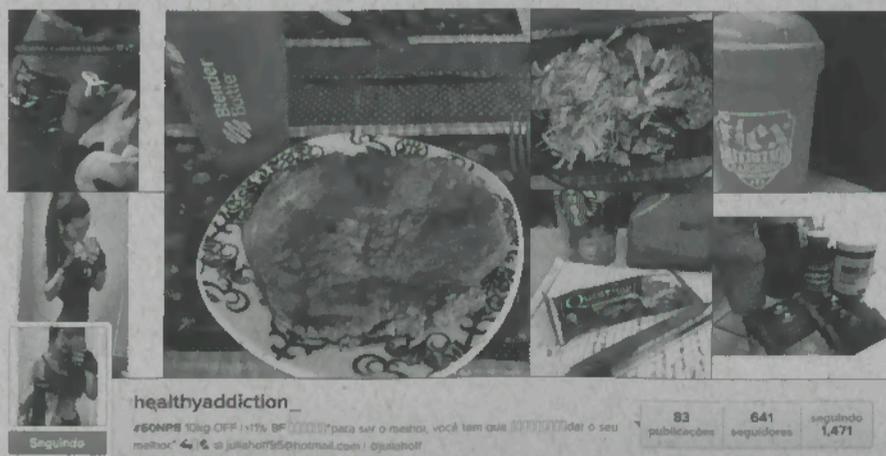
O excesso nas atividades físicas e as restrições alimentares são o que mais preocupa os especialistas na área. Entre os malefícios causados pelos abusos durante a prática de exercícios sem acompanhamento estão tendinites, fadiga extrema, irritabilidade, mau humor, ritmo cardíaco elevado mesmo em repouso, febre, dores de cabeça constantes, insônia, dor muscular grave, bem como desempenho diminuído. “A maioria das pessoas não tem condições físicas e musculares para aguentar tantas horas de exercício físico.

É importante que o corpo tenha um tempo de descanso. O [tempo] mínimo necessário para que haja descanso do estresse promovido é de 24 horas. Dependendo da carga do treinamento, pode levar até 48 horas”, afirma Bárbara.

Quem exagera na musculação e excede o peso levantado pode ter problemas nos ossos e articulações, causando lesões ortopédicas graves, assim como quem pratica exercícios aeróbicos em demasia pode sobrecarregar o coração, aumentando a espessura de suas paredes e a frequência cardíaca, o que pode ser fatal.

Segundo a estudante de nutrição Gabriela Martini, 21 anos, os principais erros envolvendo a alimentação dizem respeito às restrições alimentares, como do carboidrato, e ao excesso do consumo de proteína. O recomendável é diversificar a variedade de alimentos para variar o tipo de nutriente absorvido pelo organismo. “Dietas restritivas quase nunca são uma opção saudável. O carboidrato, por exemplo, é importante para realizar exercícios tanto para aumentar a queima de gordura quanto para evitar que o corpo use o músculo como fonte de energia.” Gabriela afirma ainda que o excesso de proteína, tão estimulado pelas redes sociais, pode sobrecarregar alguns órgãos, como os rins. Além disso, o corpo possui um limite de proteína a ser processada e o que não é absorvido se transforma em gordura, efeito oposto ao esperado por quem segue essa dieta.

É preciso filtrar os excessos do que é bombardeado pela mídia e pelas redes sociais e também usar de bom senso: a prática de exercícios e a alimentação saudável devem aliar o bem estar físico ao mental. Quem deseja adotar o estilo de vida fitness deve entrar em contato com profissionais da área e aceitar as limitações do próprio corpo, sem fazer comparações com a estrutura genética e o metabolismo de outros indivíduos.



A estudante de psicologia e modelo, Júlia Hoffman, criou um perfil no qual divulga seus treinos e alimentação.

# A prova de crise

Mercado de beleza contorna expectativas negativas da economia e mantém ritmo acelerado de crescimento

Nicholas Gheno

Mesmo em um cenário econômico pouco animador, de uma coisa os brasileiros parecem não abrir mão: a vaidade. Pelo menos é o que indicam os números do setor. Somente no ano passado, o mercado de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos faturou R\$ 101,7 bilhões, um crescimento de 11% comparado a 2013, quando registrou R\$ 91,9 bilhões.

As cifras se justificam pela demanda crescente desses artigos. O Brasil já é o terceiro no ranking dos que mais consomem produtos de higiene e beleza, estando atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Por aqui, o setor já representa 1,8% do PIB nacional.

Nágila Will, 44, faz parte do contingente de brasileiros que adoram estar sempre bem arrumados. Com uma cestinha cheia de cremes e tintura para cabelos, circula pelos corredores de uma loja de cosméticos em busca de produtos com o melhor custo benefício. "Diferente de anos atrás, hoje, a vaidade, tanto masculina quanto feminina, é muito valorizada. A gente não passa um dia sem usar pelo menos um xampu, desodorante ou sabonete. Gasta um pouquinho, mas vale muito a pena".

A diversidade de opções e lançamentos chama a atenção. Nas lojas do segmento podem ser encontrados, além dos itens tradicionais, uma gama crescente de novidades que vão de xampu seco, que dispensa enxágue, a um removedor de esmalte no qual basta inserir e girar o dedo para ter as unhas "limpas".

Segundo a Associação Brasileira de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), os lançamentos e as novas apresentações de produtos são responsáveis por cerca de 30% do faturamento bianual do setor no Brasil. Isso significa que a cada quatro anos as empresas precisam renovar quase completamente seus portfólios para atenderem à demanda de inovação.

No país, existem 2,5 mil indústrias atuando no ramo, empregando 4,8 milhões de pessoas, das quais 80% são mulheres. Essas empresas produzem 92% de todos os produtos de beleza consumidos no país, índice que revela a baixa penetração de produtos fabricados fora do Brasil no mercado local.

Além de representar um mercado em expansão, a ampliação do leque de produtos evidencia que o setor é representativo em quase todas as faixas sociais. Nos últimos anos, as classes C, D e E passaram a responder por boa parte da fatia do mercado de inovação e hoje são as responsáveis por estimular grandes investimentos na área. "Podemos observar uma tendência de abertura do mercado, que se expande em todos os segmentos e hoje também é capaz de atingir, por exemplo, o público masculino e infantil, até então pouco identificados com o setor", destaca João Carlos Basílio, presidente da ABIHPEC.

Karine da Rocha, 22, gerencia um verdadeiro império da beleza no Centro de Porto Alegre. Com quatro andares, sendo um destinado à estética e salão de beleza, a loja de cosméticos BelShop, localizada na Rua dos Andradas, atrai diariamente centenas de clientes ávidos por novidades. "Nossos clientes não querem levar apenas o produto. Eles



Sem abrir mão da vaidade, Nágila Will, 44, busca produtos com o melhor valor agregado em meio a prateleiras cheias de opções

vêm até aqui em busca de diferenciais, como o atendimento e orientação que só quem é do ramo pode oferecer". Em meio ao fluxo intenso de pessoas, sete atendentes se revezam para conquistar os clientes, oferecendo descontos, vantagens e condições de pagamento estendidas. A loja também emprega oito cabeleireiros, seis manicures, três depiladoras e uma podóloga, que atendem no espaço do salão de beleza.

A gestora Karine observa uma segmentação acentuada no mercado e aposta no poder de compra popular. "Nossa loja é diferente das que tem em outras partes da cidade. Aqui nosso foco é o povão. Os produtos que têm bom giro aqui não têm em outros lugares".

Em um cenário econômico pouco favorável, o mercado da beleza se destaca como um dos poucos segmentos a manter níveis satisfatórios de crescimento. Para quem trabalha no setor, a crise parece ainda não produzir reflexos significativos. "Nosso faturamento pode oscilar dependendo da época do ano, mas na média é sempre crescente", constata a gerente da loja da Andradas.

# O império da magreza

Precisamos conversar sobre isso

Mariana Göelzer

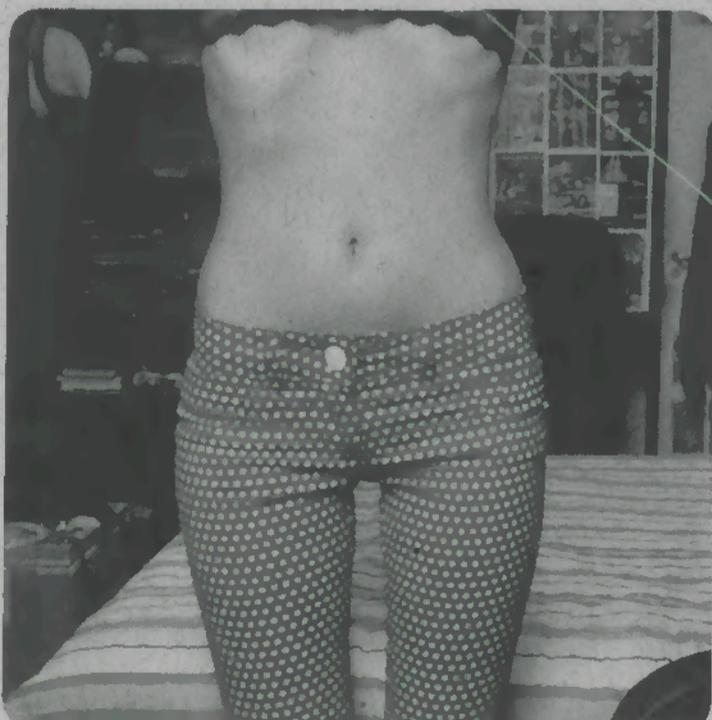
Caro leitor, informar não é algo fácil. Exige de nós, jornalistas, que saibamos escolher com precisão as palavras, as quais devem tornar uma notícia impactante, mas não sensacionalista. Antes de tudo, como resultado dessa reportagem, preciso anunciar, com tristeza, que vivemos em uma sociedade doente. A doença de que falo atinge nosso âmago. É mais mordaz porque mais silenciosa, e mais perigosa porque mais cultuada. Essa doença chama-se culto à magreza. Hoje, a magreza tornou-se sinônimo de beleza. Para nossa sociedade, só há beleza no magro, no esbelto, e a pluralidade das formas é anulada para estabelecer um critério único de avaliação. Este culto à magreza pressiona adultos mas, acima de tudo, adolescentes que, desesperados, tentam enquadrar-se nos padrões impostos. Na tentativa loquaz de se adequar aos parâmetros de aceitação, há o surgimento de dois graves transtornos: a anorexia nervosa e a bulimia.

Segundo o Dr. Roberto Vasconcelos, responsável pelo setor de transtornos alimentares da Fundação Mário Martins, embora essas moléstias sejam multifatoriais, elas apresentam um componente cultural em sua constituição. Isso explica por que uma doença que está presente em 3% da população atinge nove mulheres para cada homem, uma vez que os padrões estéticos femininos são muito mais rigorosos quanto ao nível de magreza que devem ser alcançados ou, no mínimo, desejados pelas mulheres. Também não é à toa que, em recente tese de mestrado detectou-se que 68% das mulheres de Porto Alegre entre 12 e 55 anos apresentam algum comportamento inadequado ligado à alimentação e à vivência corporal. Esse é

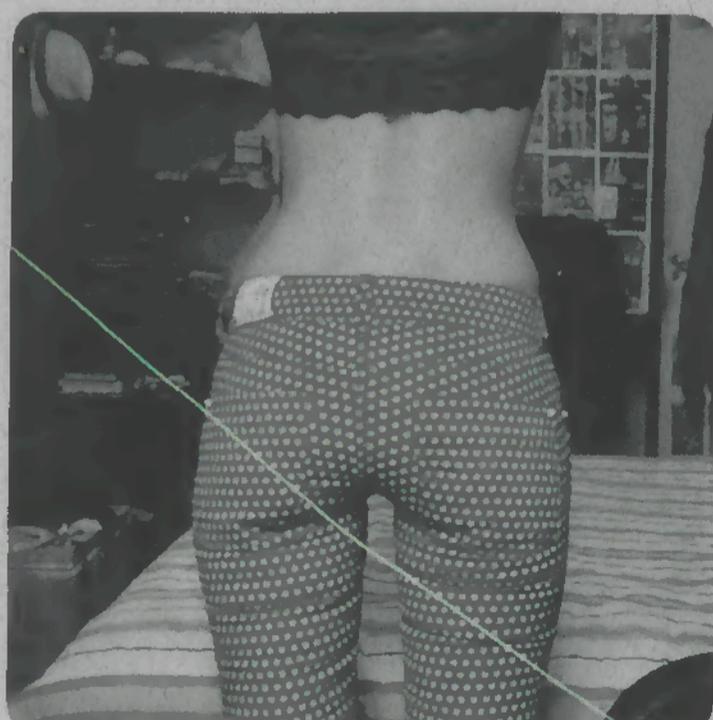
um dado inquietante, de acordo com o Dr. Roberto, pois essas inadequações podem evoluir para um caso patológico.

Inquietante, no entanto, deveria ser também a ausência de um debate sobre os padrões de beleza que vigoram atualmente. Essa obsessão estética na qual a magreza se converteu originou, recentemente, no seio social, um novo fenômeno. Sob a alcunha de vida saudável, as pessoas passaram a se alimentar de forma extremamente controlada e a realizar no mínimo trinta minutos de exercícios por dia. E, se num primeiro momento tais atitudes parecem de fato refletir a busca por uma vida mais equilibrada, são, verdadeiramente, novas formas doentias de alcançar o corpo esbelto tão desejado. Uma nova roupagem para uma antiga preocupação.

A modelo francesa Isabelle Caro - que morreu aos 28 anos em dezembro de 2010, em decorrência de anorexia nervosa - participou, em 2007, de uma campanha publicitária para advertir sobre os riscos do transtorno alimentar. A também modelo Georgina Wilkin relatou como se tornou anoréxica ao adentrar o universo fashion. Elas não foram as únicas e nem serão as últimas. Há uma infinidade de relatos de modelos sobre o assunto, mas estes não têm sido suficientes para estancar o número de profissionais da área que sofre com esses transtornos. Assim, forma-se um ciclo vicioso. Uma indústria que exige graus de magreza doentios de seus empregados e os vende como beleza, estimulando nas adolescentes a vontade de conquistar o mesmo corpo. Cegas, as adolescentes acabam por esbarrar nas duas amigas inseparáveis: Ana e Mia.



Menina 42Kg





## Amigas Inseparáveis

A anorexia nervosa e a bulimia nervosa - ana e mia, como são carinhosamente apelidadas por aqueles que apresentam esses transtornos alimentares - são vistas como duas amigas que ajudarão a alcançar o "corpo perfeito" por meio de um desgaste físico insuportável. Dentre um dos importantes sintomas dessas doenças está o fato de haver uma ausência de consciência corporal que resulta em uma recusa em realizar o tratamento. Isso acontece porque os enfermos sofrem pelo excesso de peso que acreditam ter - e a melhora impõe um ganho deste. Segundo o Dr. Roberto, o tempo médio de melhora dos sintomas é de um ano, sendo a participação da família fundamental no acompanhamento do tratamento. Não houve nenhum paciente que quisesse participar dessa reportagem. Difícil admitir que tudo isso é uma obsessão doentia, de quem há muito virou as costas para a realidade, para encarar apenas uma distorção no espelho. Contudo, uma rápida busca na internet permite acesso a uma gama de blogs em que anoréxicas e bulímicas compartilham suas experiências e tentam se manter firmes e fortes - como elas mesmas dizem - nessa luta. São nessas páginas que elas dão vazão a todos os pensamentos que não podem dividir com os outros e, primeiro choque, se apoiam para permanecerem doentes.

"42kg de decepção. 42kg de gordura. 42kg aterrorizando a minha imagem no espelho. 42kg de culpa. 42kg de fome. 42kg de desespero. 42kg de auto rejeição. 42kg."

É através desses blogs que são divulgados os 50

mandamentos. Mandamentos que são dicas para - novamente - conseguir não comer, comer pouco ou vomitar, para atingir pesos que beiram a morbidade. Artimanhas que devem ser utilizadas por aqueles que são fortes o suficiente para atingirem o "corpo perfeito". É como se fosse uma seita, obstinada em pesar cada vez menos, para se tornar simples sombra. Esquálidas, tentam perder ainda mais peso, desafiando sua natureza. E aí reside um dos aspectos mais perniciosos da doença: elas permanecem se vendo gordas, pois há a perda da consciência corporal. E, assim, bulímicas e anoréxicas se impõem limites cada vez maiores ou, melhor dizendo, menores.

## Sociedade Anoréxica

Neste processo de pesquisa e imersão dentro desta nova realidade, um questionamento acaba surgindo: como é possível ver beleza em uma magreza tão doentia? Segundo choque: as thinspiration - modelos de beleza para se manterem firmes na ana e na mia - não estão distantes de nossa ideia de corpo perfeito. Ao olhar a galeria de fotos do que anoréxicas e bulímicas consideram fontes de inspiração, foi com espanto que encontrei fotos de atrizes e top models consagradas. Não foi preciso muito tempo para perceber o quão anoréxica nossa sociedade de fato está. Não apenas por estabelecer a magreza como nível de beleza, mas pelo nível de magreza que estabelece como beleza. Essa reportagem me fez olhar atentamente para o belo e descobrir, alarmada, que as pessoas sadias também cultuam corpos anoréxicos e bulímicos. Corpos que não seriam

conseguidos se não fossem as dietas malucas de tão rigorosas ou os transtornos alimentares.

"Esses 18 anos me fez pensar que faço dietas desde os 12 anos e comecei a vomitar com 13 anos aos 14 anos a ana se tornou inseparável e ficou cmg por muito tempo, hoje a um ano aproximadamente a ana não esta tão presente mas a mia e os reflexos da doença como a depressão, compulsão e a paranoia estão cada vez pior. Tudo que queria era comer sem me sentir uma vaca gorda, era poder me sentir uma princesa linda e magra e tudo que tenho hoje e um corpo gorda que eu odeio."

Esses transtornos impõem uma preocupação com o peso 24 horas por dia. Não existe nada no universo além daquela realidade. Por isso, uma das características de quem vive a doença é o isolamento, o abandono da vida social. "Por amor à Nancy", filme de 1994 que retrata a anorexia nervosa, foi uma fonte de conhecimento muito importante para essa reportagem. Através da personagem principal, Nancy, expõem-se todos os traços comportamentais: a recusa em perder peso, a

busca pelo controle da vida, a ausência de consciência corporal. Além disso, é por meio de Nancy que se demonstra como a anorexia e a bulimia nervosas são, via de regra, doenças que ocorrem concomitantemente. A diferença é que a segunda é caracterizada por episódios recorrentes de compulsão alimentar, a chamada hiperfagia, seguidos de comportamentos compensatórios, como a indução do vômito, o uso de laxantes e diuréticos, o jejum e a realização de exercícios físicos excessivos.

Bulimia e anorexia nervosas são doenças que se tornaram conhecidas por todo o mundo através do predomínio, no universo da moda, de modelos magérrimas, em decorrência desses transtornos. O que não virou familiar, infelizmente, é a sua seriedade e a cegueira na qual está mergulhado quem a tem. Tornou-se imprescindível uma discussão emergencial sobre os deturpados padrões estéticos que norteiam nossa sociedade. Sem que haja essa discussão, permaneceremos uma sociedade inconsciente para o que está ao nosso redor, centrada apenas no espelho que temos à nossa frente a nos dizer o quanto ainda precisamos emagrecer para que possamos nos sentir felizes e satisfeitas conosco.

## Classificação Internacional de Doenças (CID) DA ANOREXIA E DA BULIMIA NERVOSAS

### Anorexia Nervosa

- Perda de peso e manutenção abaixo do normal (IMC  $\leq 17,5$  kg/m<sup>2</sup>)
- Perda de peso auto-induzida pela evitação de alimentos que engordam
- Medo de engordar e percepção de estar muito gorda(o)
- Distúrbio endócrino envolvendo o eixo hipotálamo-hipofisário-gonadal (amenorréia) e atraso no desenvolvimento puberal

\*vômitos auto-induzidos, purgação e uso de inibidores do apetite e/ou diuréticos podem estar presentes

#### • Subtipos:

- 1.restritivo (dieta e exercícios apenas)
- 2.compulsão periódica/purgativo (presença de episódios de compulsão e/ou purgação além da dieta, exercícios).

### Bulimia

- Episódios recorrentes de hiperfagia (duas vezes/semana por três meses), preocupação persistente com o comer e desejo irresistível de comida.
- Uso de métodos compensatórios para neutralizar ingestão calórica: vômitos, abuso de laxantes, jejuns ou uso de drogas (anorexígenos, hormônios ou outros tireoidianos ou diuréticos)\*.
- Medo de engordar que leva à busca de um peso abaixo do limiar ótimo ou saudável \*diabéticas podem negligenciar o tratamento insulínico (evitando a absorção da glicose sanguínea)

# Nem P nem G, apenas peitos

Iami Gerbase

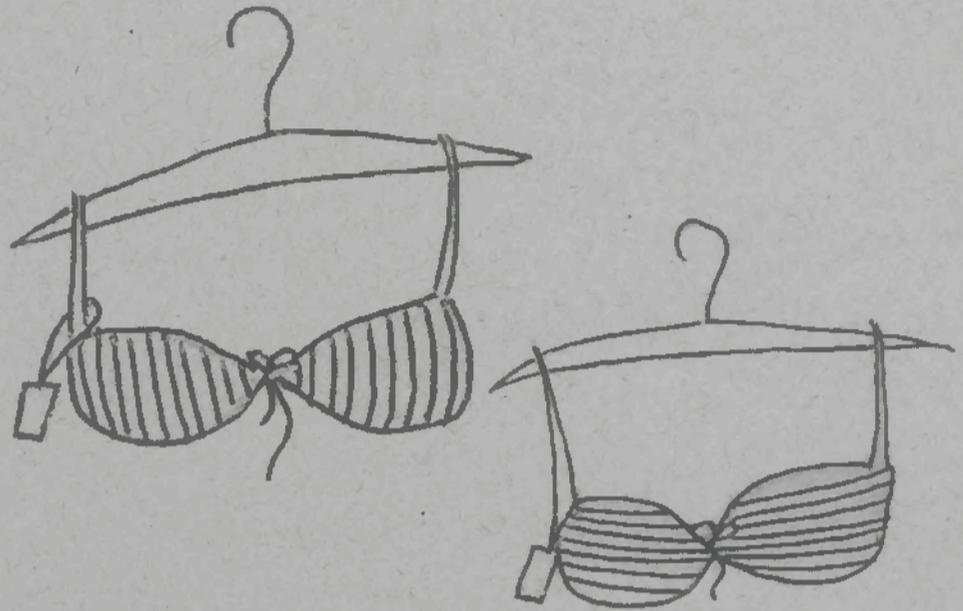
Peitos não são todos iguais. Corpos não são todos iguais. A obviedade dessas frases poderia deixá-las estranhas, mas talvez hoje, mais do que nunca, precisemos constantemente reafirmá-las em nossas mentes. Queremos ter o corpo da modelo tal ou do jogador de futebol tal e esquecemos que, a não ser que nasçamos de novo, é simplesmente impossível. Seios não são todos grandes, empinados e redondos. Não são também o que define a sensualidade ou a beleza de uma mulher. São apenas uma parte do corpo feminino. Uma parte completamente idealizada e cultuada mas, ainda assim, apenas uma dentre tantas partes.

A sociedade como um todo - pois é muito fácil culpar somente a mídia - impõe um padrão ideal, um único tipo de peito que é bonito e merece ser admirado. Aumentar os seios ou batalhar para aceitá-los são dois caminhos para algo realmente significativo: o sentir-se bem "dentro" do próprio corpo e a construção da auto-estima a partir disso. Nenhum deles é fácil nem tem apenas um lado bom. Por isso, precisamos lembrar que nossas mentes, assim como o resto do corpo, são únicas e complexas, e precisam estar em paz com nossas escolhas.

## Utopia

Meninos e meninas são, desde cedo, estimulados a construir certa visão sobre a adolescência através de uma ficção que a idealiza e a romantiza. Ao assistirem filmes e novelas, não compreendem que aqueles atores são, na verdade, bem mais velhos que os personagens de Ensino Médio que interpretam. Além do corpo, fantasiam com as roupas, os costumes e os relacionamentos. Outro exemplo muito forte é a construção, para a mulher, de uma ideia de "primeira vez" sempre especial e sem dor. A pré-adolescência, dessa forma, se transforma num momento de estranhamento por ainda estarmos, mesmo que temporalmente perto, longe da idealização formulada durante anos.

Uma questão que surge para algumas meninas nessa época, ao se comparar com as colegas, é: "quando meus peitos vão crescer? Quando vou ter peitos grandes como todas as mulheres parecem ter?". A resposta de muitos adultos é simples: "calma, um dia eles crescem". Acreditando nisso, elas começam a esperar ansiosamente por esse dia. O dia não vem tão cedo e logo lhe dizem que vai chegar quando ela menstruar, quando começar a tomar a pílula anticoncepcional, ou quando tiver as primeiras relações sexuais. Esperam por um dia que, talvez, nunca chegue. Algumas passam, então, a idealizar outro dia, o dia em que colocarão silicone e terão, finalmente, os seios que sempre desejaram. O dia a partir do qual nunca mais precisarão ouvir "reta", "despeitada", "tábua", entre outros. É uma fantasia quase característica de histórias infantis: um dia uma fada madrinha (no caso, o médico) vai surgir e, com sua varinha (o bisturi), lhe conceder o desejo que transformará completamente sua vida num instante.



## Escolhas

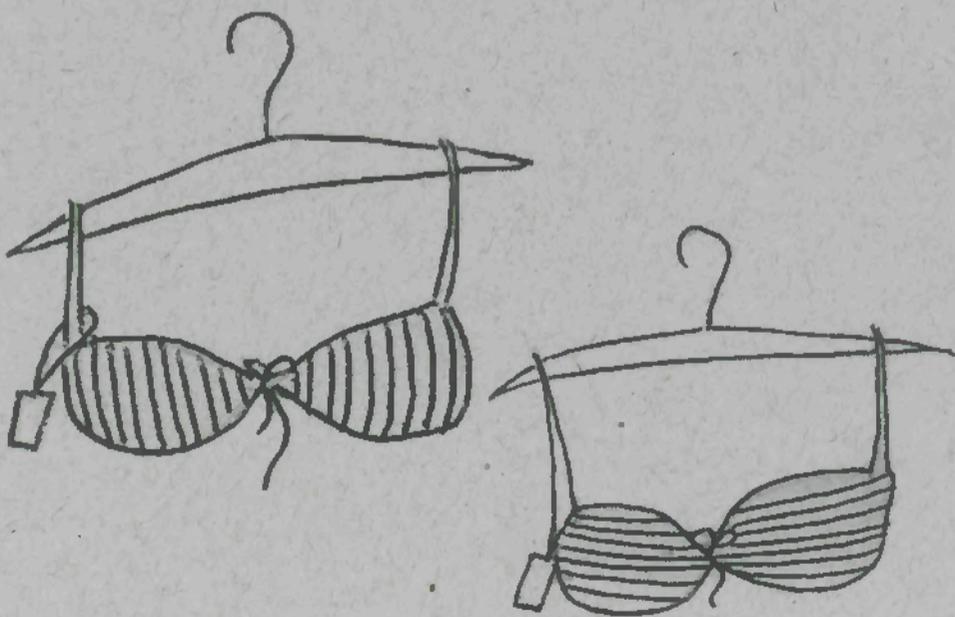
As três entrevistadas para esta reportagem relatam ter começado a se incomodar com o tamanho de seus peitos perto dos 12, 13 anos. Outra convergência de opinião refere-se à ideia de que a decisão de fazer a cirurgia deve ser totalmente pensada "para si mesma", de jeito nenhum querendo agradar aos outros ou para entrar em um padrão. Por isso, precisa ser fruto de grande reflexão. É como se você precisasse responder à pergunta: "se não fosse pelo olhar dos outros, seus comentários e expectativas, eu gostaria do conjunto do que vejo no espelho?".

Eduarda Sbroglia, estudante de Direito de 21 anos, relata que começou a notar os seios das amigas aumentando e pensou: "eventualmente minha hora vai chegar, um dia 'Deus' vai tocar em mim e os meus vão crescer também". Perto dos 15 anos, percebendo que esse dia talvez não fosse chegar, começou a simpatizar com a ideia de colocar silicone. Apenas algumas semanas após completar 18 anos, Duda submeteu-se à cirurgia. Um fator considerado por ela decisivo na escolha foi o fato de seu pai ser médico e trabalhar com cirurgia plástica, o que o levou a tratar a questão com praticidade ao notar a angústia da filha. Eduarda conta que os pais de algumas amigas não levaram a sério seus pedidos, argumentando sobre a falta de necessidade e o alto custo do procedimento: "Elas tiveram que insistir, juntar dinheiro, ou até pensar duas vezes. Eu não tive. Eu queria e meu pai disse: ok". Relata que gostaria de ter pensado mais no assunto na época. No entanto, não chega a afirmar que se arrepende, pois não sabe se teria construído a confiança que possui hoje sem a prótese. "Na época, eu dizia que o que o silicone me fez em um dia, uma psicóloga levaria 5 anos", afirma, reforçando que, naquele tempo, não tinha uma série de pensamentos e visões adquiridos somente após entrar na faculdade.

Priscilla Rocha, por sua vez, tem 21 anos e decidiu não colocar silicone. A estudante de Publicidade e Propaganda revela que, ainda na escola, sentiu a pressão social sobre o próprio corpo. Por morar em um bairro da periferia de Porto Alegre, percebia o tratamento com as mulheres ainda mais vulgarizado. "Mesmo a gente sendo novinha, isso se aplicava, as meninas mais desenvolvidas eram tratadas dessa maneira, como se fossem um pedaço de carne", conta. Sentia que não pertencia, pois não se encaixava no padrão pelo qual os colegas e amigos demonstravam interesse. Passou, portanto, a questionar o tamanho de seus seios. Essa angústia enfraqueceu alguns anos depois, quando se aproximou de pessoas mais velhas e de fora de seu colégio. Percebeu, então, que nem todos pensavam daquela forma. "Se eu te disser que hoje não me incomoda é mentira, mas não é o mesmo sentimento de antes", desabafa. Completa que, desde aquela época, precisa lutar constantemente para se aceitar como é, no seu próprio corpo. Mesmo com altos e baixos, ela diz já perceber um progresso significativo, podendo afirmar que, pelo menos no momento, não colocaria silicone.

Kassiele Nascimento tem 20 anos e estuda Relações Públicas. Ela revela que, desde cedo, a comparação com outras meninas foi muito forte, e se incomodava com as que eram mais novas e "tinham mais peito" que ela. Por ser negra, relata ter sentido ainda mais pressão, devido ao estereótipo que "hiperssexualiza" a mulher negra e enxerga nela a figura do carnaval, do samba e da sensualidade brasileira. Ponderou colocar silicone, porém desistiu da ideia após perceber que não seria para si mesma, mas para mudar o que os outros pensavam dela. "Se o cara ou a mina gostar de mim vai ser assim, não por eu ter um peito maior", reflete. Também expõe algo de que muitas vezes nos esquecemos: "as pessoas têm a ideia de que um peito normal é um peito maior, mas o meu peito é normal, meu peito é assim". A estudante, assim como as outras duas entrevistadas, revela que gosta do conjunto que vê

no espelho. Porém, ao tratar especificamente dos peitos, pensa que "podia ter um pouco mais, né?". Mas apoia o implante, assim como outras cirurgias estéticas, quando visam ao aumento da autoestima e da felicidade da pessoa, que deve sempre ponderar as consequências e implicações.



## Circunstâncias

Algo simples para a maioria das pessoas, como escolher uma roupa, pode ser uma tarefa angustiante para outras. Quem tem seios pequenos, assim como quem tem seios grandes, muitas vezes ouve que aquela blusa ou vestido não é para seu tamanho de peito. As três relatam que, ainda na pré-adolescência, usavam sutiãs com enchimento ou tops para tentar aumentar os peitos e para usar certos modelos de roupa. "Teve uma vez que para usar uma blusa eu usei dois sutiãs e um top por cima. Doeu horrores, foi péssimo, eu mal conseguia respirar. Mas fiquei satisfeita porque daí meus peitos pareciam muito maiores", conta Priscilla. Duda expõe que, mesmo após ter colocado silicone, tem dificuldade em escolher roupas, visto que é pequena e tem seios grandes. Esse exemplo da roupa serve, mesmo que em pequena escala, para refletir sobre coisas nas quais muitas mulheres não pensam antes de pôr silicone.

Não podemos banalizar o pensamento de que o silicone resolverá nossa insegurança sem nenhuma consequência da qual podemos não gostar. Duda narra que, desde que fez a cirurgia, passou a ser mais "sexualizada" pelos outros do que antes. Por isso, evita até mesmo usar certas roupas e postar algumas fotos no Facebook, para não receber olhares indesejados e comentários exaltando seus peitos. Comenta que percebeu ainda mais esse tratamento quando, durante um intercâmbio, revelava ser brasileira. Podemos perceber então que, infelizmente, a nossa sociedade ainda vulgariza as mulheres: dá grande valor e destaque para seus corpos, sempre de forma sexual e idealizada. São capas de revistas mostrando "o corpo ideal", propagandas machistas, uma indústria pornográfica criminosa e até mesmo crianças mostradas de forma adulta e sensual. Os peitos são, mais do que qualquer outra parte do corpo feminino, símbolo de uma sociedade doutrinação pelo sexo.

Lamentavelmente, antes de fazer a cirurgia, você precisa lembrar que seios grandes, em nossa doentia sociedade, são sinônimo de vulgaridade. O olhar das pessoas sobre o seu corpo vai mudar, muitos homens podem se aproximar - inicialmente, é claro - apenas pelo tamanho dos seus seios e as pessoas podem ter preconceito por você ter colocado a prótese. Obviamente, nada disso deve ser maior do que seu desejo próprio, afinal, o corpo é seu e você faz dele o que quiser. Pensar no depois, porém, é necessário e importante. Afinal, a vida inteira você viveu de um jeito e alterar isso implica uma série de mudanças muitas vezes inimagináveis.

## Debate

Precisamos, mais do que apenas parar de idealizá-los, conversar sobre peitos. A ilusão de que a prótese é a melhor forma de nos fazer gostar do nosso corpo, mesmo que muitas vezes realmente seja, precisa ser problematizada. O mesmo deve ocorrer com a aceitação dos seios naturais, visto que inúmeras mulheres adultas lutam constantemente por isso. Colocar silicone é uma decisão importante, assim como não colocar. E é sempre preciso lembrar: peitos são apenas uma parte do corpo, nada mais do que isso.

# ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO UMBIGO

Júlio Kaczom

*“Aquele de nós que morre, abandona a rua que conhece e também a que não conhece. As riquezas que possui e também as que não possui. A própria miséria. A sua própria mão.”*

*A importância de estar de acordo – Bertolt Brecht*

Quem arranca algo, segurará algo. E a quem algo é arrancado, também ele o segurará. E quem segura algo, dele algo será arrancado.

Aquele de nós que morre abandona o quê? Não abandona apenas a sua mesa ou a sua cama. Aquele de nós que morre também sabe: abandono tudo o que existe e dou mais do que tenho. Aquele de nós que morre abandona a rua que conhece e também a que não conhece. As riquezas que possui e também as que não possui. A própria miséria. A sua própria mão. Como então, quem não estiver exercitado no abandono, abandonará a sua mesa? Ou como abandonará tudo aquilo que possui e também o que não possui? A rua que conhece e também a que não conhece? As riquezas que possui e também as que não possui? A própria miséria? A sua própria mão?

Quando o Pensador se viu numa violenta tempestade, estava sentado num grande veículo e ocupava muito espaço. A primeira coisa que fez foi sair do veículo, a segunda foi tirar seu casaco, a terceira foi

deitar-se no chão. Assim ele venceu a tempestade reduzido à sua menor dimensão.

Para ajudar um homem a aceitar a morte, o Pensador interveniente pediu-lhe que se despojasse de todos os seus bens. Depois de ter abandonado tudo, ao homem só lhe restava a vida. Abandona mais uma coisa, disse-lhe o Pensador.

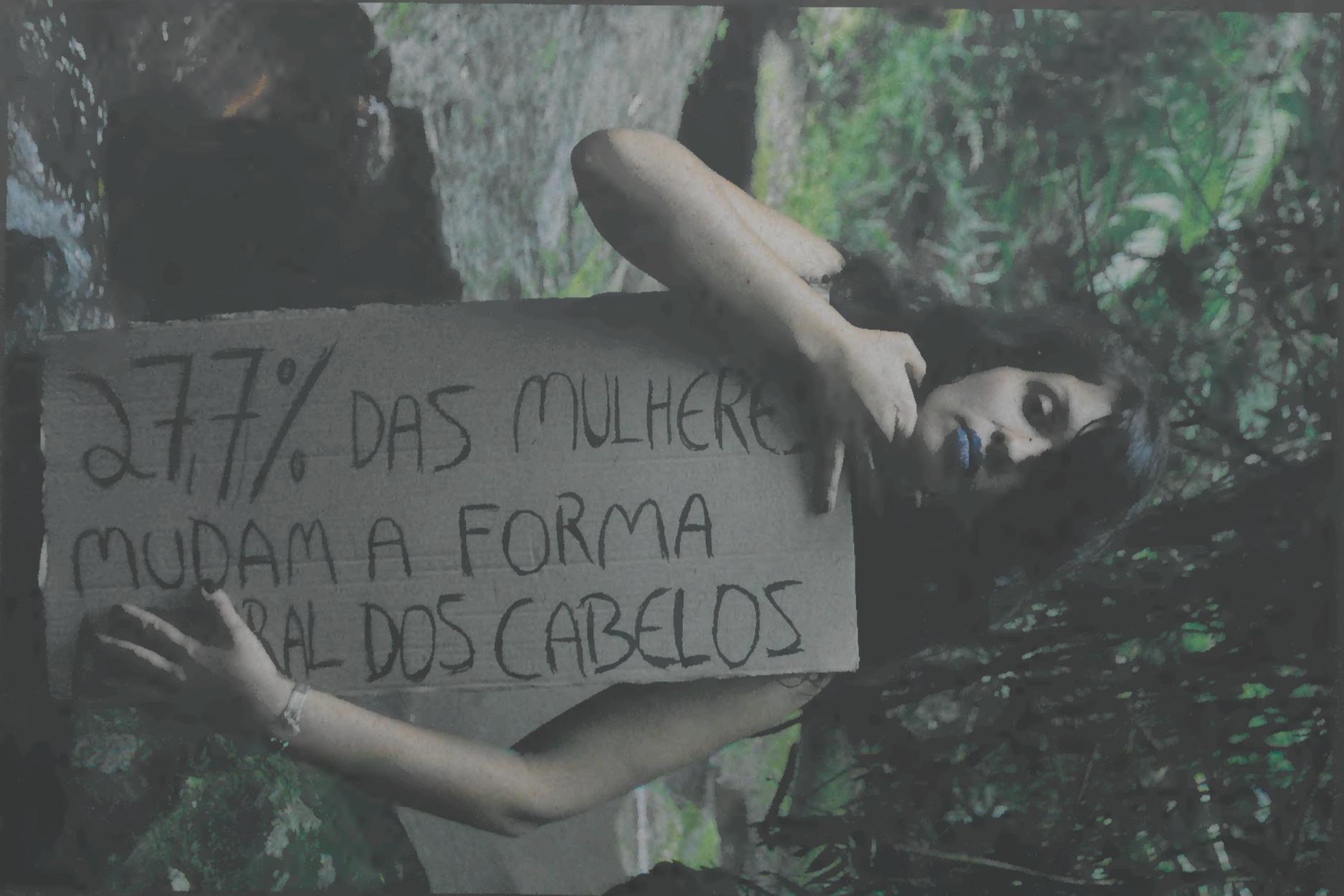
Se o Pensador venceu a tempestade, venceu-a porque conhecia a tempestade e estava de acordo com a tempestade. Portanto, se quiserem superar a morte, é preciso conhecer a morte e estar de acordo com a morte. Mas aquele que procura o acordo deverá preferir a pobreza. Não deve estar preso às coisas! As coisas podem ser tiradas e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso à vida! A vida pode ser tirada e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso aos pensamentos, porque também os pensamentos poderão ser tirados e aí também não haverá acordo.



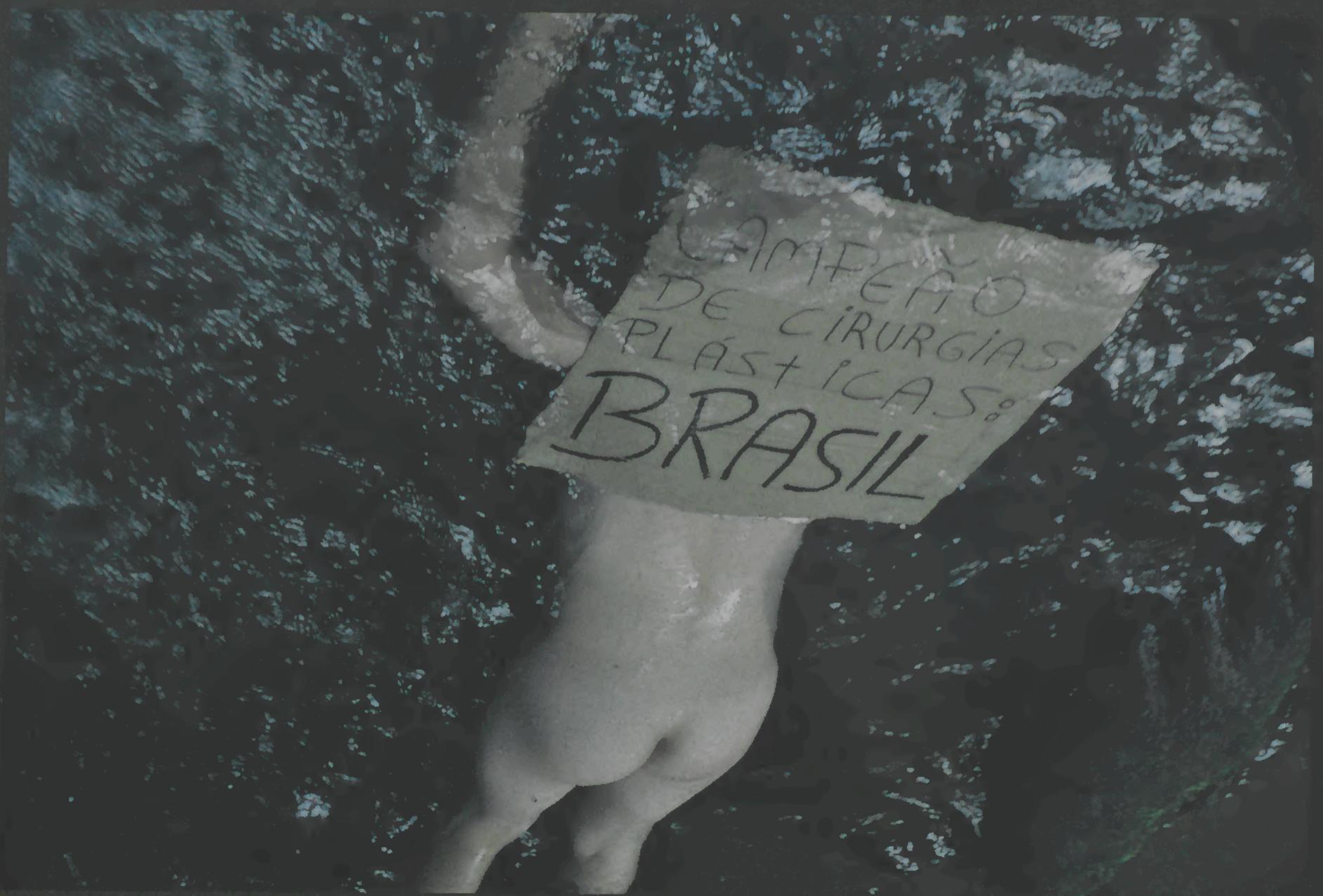




7.000 SALOES  
DE BELEZA ABERTOS  
POR MÊS NO BRASIL



27,7% DAS MULHERES  
MUDAM A FORMA  
RAL DOS CABELOS



CAMPEÃO  
DE CIRURGIAS  
PLÁSTICAS:  
BRASIL

# MUSEUS de bolso

Carolina Carvalho Trindade

Se a beleza é mutável, ou, como diriam alguns autores "está nos olhos de quem vê", como explicar o sentimento de inadequação à beleza de seu tempo? Como entender por que em nosso imaginário coletivo entendemos a beleza masculina e feminina com diferentes ideais, mas bem específicos dependendo de um época ou outra? A arte nem sempre é modelo do que deve ser considerado bonito, mas, na grande maioria das vezes, é espelho de como eram exaltados àqueles, em sua época, considerados belos.

A História da Beleza, com autoria de Umberto Eco, é, na verdade, um livro escrito em parceria com seu colega italiano – muito menos famoso – Girolamo De Michele. Junto de seu irmão mais novo, A História da Feiura, este livro procura fazer um percurso histórico sobre padrões de beleza na civilização ocidental. Apesar de ser construído sobre imagens artísticas, este não é um livro de história da arte, como explica Eco na introdução, mas um livro que pretende trazer vários dos paradigmas da beleza. Englobando não apenas a beleza humana, mas a da arte, a da literatura, da arquitetura e, inclusive, dos deuses e das ideias, nos conduz desde o grego clássico, até as mais extravagantes peças de arte moderna, a fim de nos fazer compreender como o entendimento de "o que é belo", muda através do tempo.

Nos primeiros capítulos somos apresentados ao que seria depois entendido como cânone clássico. Os antigos constroem suas representações humanas não apenas almejando um corpo perfeito, mas, baseados na kalokagathía, ideal grego onde a beleza harmoniza corpo e alma, onde é virtude não apenas daquilo ou aquele que agrada aos olhos, mas do homem que é bom e justo. Para ilustrar, os autores nos trazem a imagem de Laocoon (Século I AEC – Museu do Vaticano) – obra de arte grega que figura o sofrimento do personagem ao ser picado por uma cobra. Laocoon sofre, mas sofre de forma bela, pois seu sofrimento é capaz de tocar nossos corações, aguentando a dor como somente um homem virtuosamente sublime consegue.

Todas essas informações são trazidas no livro em excertos que remetem a hiperlinks. Belissimamente ilustrado, segurar a A História da Beleza em mãos é como segurar um museu portátil e particular. Para nos envolver nessa atmosfera artística, ele não conta apenas com as figuras e suas legendas, mas também muitos textos literários, peças de teatro e falas de grandes pensadores que se relacionam a elas. Girolamo De Michele ficou responsável por selecionar os milhares de textos linkados ao longo da narração principal. Ele e Eco escrevem seus capítulos fluentemente, e puxam, em aquilo que editores

mais tradicionais chamariam de notas de rodapé, pequenos excertos que, assim como as imagens, ilustram poeticamente as ideias mais importantes do texto.

Seria necessário levar anos debruçados em cima deste livro para entendermos por completo suas referências. Para falar da beleza calma, da ordem e da medida em contraponto a beleza inquieta, disruptiva, do caos – ligadas respectivamente aos deuses Apolo e Dionísio –, De Michele nos traz, por exemplo, A Origem da Tragédia, de Nietzsche. Da mesma forma que um dos selecionados para falar de proporções matemáticas é Pitágoras, ou a que a escritora mais interessante para comentar a beleza na crueldade e violência seja Mary Shelley e seu romance Frankstein.

É através da análise profunda dessa construção inusitada que podemos tirar algumas conclusões sobre como a arte influencia ou ilustra padrões de beleza de uma época. Diversas vezes citado no livro, por exemplo, temos Tomás de Aquino que acreditava que era belo aquilo que era útil, dando exemplos que para os entendimentos modernos soam praticamente surreais, como "um corpo mutilado não é belo porque não é útil". A clareza na história das representações também é importante para a construção de nossos estereótipos de beleza: para Aquino, não apenas a integridade é importante, mas a clareza, pois é dito que coisas de uma cor clara sejam bonitas. Obviamente, o frade cristão não tinha objetivos diretos de padronizar uma forma e excluir outras, mas é interessante ver como, em todo o livro, representações humanas negras, indígenas e asiáticas – ou, na verdade, qualquer uma que fuja do padrão europeu – só apareçam no fim, quando já estamos adentrando o século XX. É compreensível o fato de que os autores se propuseram a fazer uma análise da beleza no Ocidente, mas é ingenuidade acreditar que simplesmente porque não foram representados em seu tempo que pessoas diferentes, fora dos padrões de milhares de ilustrações, não existissem nesse hemisfério até 1900.

Em uma análise final, Eco entende que os pesquisadores do futuro não serão capazes de identificar nosso ideal de beleza difundido em massa. Se formos capazes de continuar desconstruindo ideais centralizadores, como de Aquino, a tendência é que o surgimento de formas plurais na modernidade influenciem a arte e a nossa maneira de ver o mundo. Aceitar a existência de diferentes corpos, gostos, cores e formas é se render à "orgia da tolerância", absolutamente necessária para uma beleza plural e livre de cânones excludores. E se, para desmontar é necessário entender como foram compostos três mil anos de representações, Umberto Eco e Girolamo De Michele fizeram um excelente trabalho.

## REDAÇÃO

Aline Silveira  
Anna Chies  
Antônio Assis Brasil  
Antonio Felipe Purcino  
Bruna Andrade  
Bruno Pancot  
Carolina Trindade  
Gabriel Nonino  
Giuliana Heberle  
Iami Gerbase  
Jéssica Nakamura

Júlio Kaczam  
Kátia Souza  
Luiza Fritzen  
Maiury Winckiewicz  
Mariana Göelzer  
Nathália Cardoso  
Nicholas Gheno  
Rafael Santanna  
Roberta Scherer  
Vitória Lemos





COMISSÃO EDITORIAL

Anna Chies

Antonio Felipe Purcino

Carolina Trindade

Jéssica Nakamura

Mariana Göelzer

REVISÃO

Jéssica Nakamura

Nathália Cardoso

PROJETO GRÁFICO

Anna Chies

Giuliana Heberle

Jacqueline Dal Bosco

ILUSTRAÇÕES

Giuliana Heberle

CAPA

The Ugly Duchess (1513)

Quentin Matsys

Óleo sobre Paine

64.2 × 45.5 cm.

National Gallery, Londres

CONTRACAPA

Lady with an Ermine (1489-90)

Leonardo da Vinci

Óleo sobre Paine

54 cm × 39 cm

Wawel Castle, Kraków

ORIENTAÇÃO

Wladymir Ungaretti

3XL  
BELEZA

